

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

CLÁUDIA REGINA MARTINS MAGALHÃES DO NASCIMENTO

SEMANA AFRO-BRASILEIRA:
AQUILOMBAMENTOS EM TERRITÓRIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA

NITERÓI

2020

Cláudia Regina Martins Magalhães do Nascimento

SEMANA AFRO-BRASILEIRA:
AQUILOMBAMENTOS EM TERRITÓRIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Produção Cultural.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Neide Aparecida Marinho

Niterói

2020

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

N244s Nascimento, Cláudia Regina Martins Magalhães do
Semana Afro-brasileira : quilombamentos em território de
uma escola pública / Cláudia Regina Martins Magalhães do
Nascimento ; Neide Aparecida Marinho, orientadora. Niterói,
2020.
79 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção
Cultural)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e
Comunicação Social, Niterói, 2020.

1. Cultura. 2. Quilombo. 3. Território. 4. Afro-brasileira.
5. Produção intelectual. I. Marinho, Neide Aparecida,
orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de
Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD

Bibliotecário responsável: Sandra Lopes Coelho - CRB7/3389

CLÁUDIA REGINA MARTINS MAGALHÃES DO NASCIMENTO

SEMANA AFRO-BRASILEIRA:

AQUILOMBAMENTOS EM TERRITÓRIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Produção Cultural.

Niterói, 26 de Agosto de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª Neide Aparecida Marinho (Orientadora)
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Luís Cláudio de Oliveira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof^ª Dr^ª Lúcia Maria Pereira Bravo
Universidade Federal Fluminense

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Zilton Neves Magalhães e Maria da Conceição Martins Magalhães (*in memoriam*) pelo amor eterno.

Para meu marido Vitor Manoel Rodrigues do Nascimento e nossos filhos Luã Magalhães do Nascimento e Khaled Magalhães do Nascimento pela harmonia.

AGRADECIMENTOS

Para alguns professores que marcaram a minha trajetória na escola básica, desformatando o currículo oficial como: Carlos César (CESO), Maria Marly (ETEHL), Beatriz Nascimento (GTAR) e Suely Dorian (CEAL).

Aos professores da UFF- IACS, João Domingues, Marina Bay Frydberg, Flávia Lages de Castro, Luiz Mendonça, Luiz Augusto Rodrigues, Wallace de Deus, Italo Bruno Alves e Antônio de Oliveira Júnior, Leonardo Bora.

À todos os profissionais do Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares por tudo, principalmente pelos gestos das equipes pedagógicas, alunos, professores, estagiários, bolsistas, responsáveis e funcionários nas etapas de realização do projeto em suas edições. Aos que já estiveram como diretores nessa escola: Elenice, Lady Ribeiro, Cenira Ravizini, Márcia Uchôa, Juliana Gaspar, Roberto Fernandes e Joseli Pontes.

Ao Subprojeto PIBID de Pedagogia/UERJ/FFP através das Professoras Dr^a Rosimeri de Oliveira Dias, Dr^a Annelice Ribetto e Dr^a Mairce Araújo, pelo apoio em três edições da Semana Afro- Brasileira, principalmente pela participação das bolsistas do Grupo Visibilidades e Resistências: Ana Marques, Amanda Souza, Daniele Molhano Gonçalves, Grasiella de Azevedo, Mylena Provenzano, Jéssica Tertuliano, Alana Caldas e Taiara Nunes.

Aos amigos Luiz Paulo Carvalho, Teresa Carvalho e Tarcísio Brito por auxiliarem com alguns transportes de convidados em diversas edições da Semana Afro- Brasileira.

Ao PEB/INFES/UFF pela participação através do Professor Dr. Vitor Manoel Rodrigues do Nascimento na elaboração de materiais de divulgação e auxílio em todas as etapas de realização do projeto.

Aos convidados de diversas edições da Semana Afro-Brasileira tais como: Ativistas do Movimento Negro, pesquisadores e artistas, enfim a todos os que se empenham no combate ao racismo.

Meu carinho para a banca examinadora composta pela Professora Dr^a Neide Marinho (UFF-IACS) Professora Dr^a Lúcia Bravo (UFF-IACS) e Professor Dr. Luiz Cláudio de Oliveira (UERJ) pelas considerações relevantes e motivadoras. Ao Thales Freitas pelo profissionalismo e dedicação dentro da Coordenação do curso.

Ao Grupo de Trabalhos André Rebouças (GTAR) pela acolhida, amizade e a alegria de pertencimento eterno, influenciando grande parte de meus gestos culturais e educacionais.

“O Quilombo se movimenta pelos territórios e nunca deixa ninguém para trás...”

Beatriz Nascimento (conversas com o sobrinho Vitor Nascimento)

RESUMO

Esse trabalho tem como proposta pesquisar o Projeto chamado Semana Afro-brasileira desenvolvido em uma escola pública da rede estadual de Niterói. O objetivo é observar os mecanismos que operam nas etapas de realização do Projeto, assim como conhecer, os produtos culturais, temáticas e simbologias representadas no ambiente escolar.

A metodologia empregada compreende análises das edições do evento, de suas estruturas organizativas, e dos tensionamentos existentes no território escolar. Também abrange uma pesquisa realizada através de questionários junto aos professores participantes, que avaliou aspectos importantes das edições. Depoimentos, Diário de campo, e observações específicas acompanharam o trabalho. As ferramentas teóricas são amparadas principalmente por Franz Fanon, Beatriz Nascimento, Muniz Sodré, Milton Santos e Michel Foucault. O trabalho volta-se também para mostrar como um projeto que combate o racismo consegue se afirmar no território escolar a despeito de uma série de resistências e conseguiu chegar a sua 17ª edição. O trabalho apresenta um diferencial por já promover debates antirracistas dentro da escola antes mesmo da implementação da Lei 10.639/03, marcando o grau de comprometimento da instituição no que tange à temática das relações raciais no Brasil e no mundo. A investigação procura responder algumas perguntas para se compreender atravessamentos, subjetividades e contribuições do projeto enquanto incentivador para a descolonização do currículo escolar. Em que medida o projeto reflete em outros problemas no cotidiano da comunidade escolar? Como os produtos culturais apresentados no Projeto interferem na formação dos professores? As etapas de trabalhos envolvendo reuniões, encontros e sensibilizações coletivas fomentam discussões quanto aos efeitos do racismo nos corpos de negros e negras que habitam o território escolar? O trabalho multidisciplinar realça o potencial aglutinador das atividades do projeto? Os resultados indicaram que, apesar das dificuldades em se lidar com a temática racial dentro e fora da escola, o projeto Semana Afro-brasileira vem ganhando ao longo dos anos cada vez mais visibilidade, promovendo mudanças tanto no currículo escolar quanto nas relações interpessoais, fazendo aflorar, principalmente nos dias dos eventos, as estruturas aqui chamadas de quilombamentos, pois, remetem aos territórios quilombolas com suas características e dinâmicas próprias. Esta pesquisa mostra como o trabalho e a persistência dos poucos professores e alunos comprometidos com a temática racial, podem transformar as vidas e as perspectivas futuras de muitos.

Palavras-chave: Cultura. Quilombo. Território. Afro-brasileira. Descolonização.

ABSTRACT

This work aims to research the project called *Semana Afro-brasileira*, developed in a public school in the state network of Niterói. The objective is to observe the mechanisms that operate in the stages of carrying out the Project, as well as to know the cultural products, themes and symbols represented in the school environment. The methodology employed includes analysis of the editions of the event, its organizational structures, and the tension existing in the school territory. It also covers a survey carried out through questionnaires with the participating teachers, which evaluated important aspects of the editions. Testimonies, field diary, and specific observations accompanied the work. The theoretical tools are supported mainly by Franz Fanon, Beatriz Nascimento, Muniz Sodré, Milton Santos and Michel Foucault. The work also turns to show how a project that combats racism manages to assert itself in the school territory despite a series of resistances and managed to reach its 17th edition. The work presents a differential for already promoting anti-racist debates within the school even before the implementation of Law 10.639/03, marking the degree of commitment of the institution with respect to the theme of race relations in Brazil and in the world. The investigation seeks to answer some questions to understand the crossings, subjectivities and contributions of the project as an incentive for the decolonization of the school curriculum. To what extent does the project reflect on other problems in the daily life of the school community? How do the cultural products presented in the Project affect the training of teachers? Do the stages of work involving meetings, gatherings and collective sensitizations foster discussions regarding the effects of racism on the bodies of black men and women who inhabit the school territory? Does the multidisciplinary work highlight the potential agglutination of the project's activities? The results indicated that, despite the difficulties in dealing with racial issues inside and outside the school, the *Projeto Semana Afro-brasileira* has been gaining more and more visibility over the years, promoting changes both in the school curriculum and in interpersonal relationships, making to emerge, especially on the days of the events, the structures here called *aquilombamentos*, since they refer to *quilombola* territories with their own characteristics and dynamics. This research shows how the work and persistence of the few teachers and students committed to the racial theme, can transform the lives and future prospects of many.

Keywords: Cultura. Quilombo. Território. Afro-brasileira. Descolonização.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 TRAJETÓRIA.....	12
3 OBJETIVOS.....	16
3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	16
4 JUSTIFICATIVA.....	16
5 METODOLOGIA.....	16
6 CONTEXTO TEÓRICO.....	17
7 HISTÓRICO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA.....	19
8 EDIÇÕES DA SEMANA AFRO.....	21
8.1 A PRIMEIRA EDIÇÃO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA – 1998.....	23
8.2 A 7ª EDIÇÃO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA – 2009.....	25
8.3 A 8ª EDIÇÃO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA – 2010.....	27
8.4 A 10ª EDIÇÃO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA – 2012.....	30
8.5 A 11ª EDIÇÃO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA – 2013.....	32
8.6 A 12ª EDIÇÃO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA – 2014.....	36
8.7 A 13ª EDIÇÃO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA – 2015.....	37
8.8 A 14ª EDIÇÃO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA – 2016.....	42
8.9 A 15ª EDIÇÃO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA – 2017.....	45
8.10 A 16ª EDIÇÃO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA – 2018.....	47
8.11 A 17ª EDIÇÃO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA – 2019.....	49
9 PRODUÇÕES DOS DISCENTES PARTICIPANTES DO PROJETO SEMANA AFRO-BRASILEIRA.....	52
10 ALGUMAS ATIVIDADES REALIZADAS ANTES E DURANTE O PROJETO SEMANA AFRO-BRASILEIRA.....	55
11 O DESFILE.....	61
12 DEPOIMENTOS.....	62

12.1 - OS DEPOIMENTOS DE ALUNOS DESTACAM ALGUNS DOS EFEITOS DA REALIZAÇÃO DO DESFILE:	62
12.2 OUTROS DEPOIMENTOS.....	63
13 QUESTIONÁRIOS	68
13.1 RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS.....	68
14 DISCUSSÕES ACERCA DOS RESULTADOS	72
14.1 QUESTIONÁRIOS.....	72
15 PREMIAÇÃO.....	74
16 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
17 BIBLIOGRAFIA	76

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Foto - Fachada do prédio principal do C. E. Macedo Soares	P. 22
Figura 02 – Foto - Registro da Semana Afro-brasileira de 1998. Pátio	P. 23.
Figura 03 – Foto - Registro da Semana Afro-brasileira de 1998. Abertura	P. 24
Figura 04 – Cartaz de divulgação. 7ª edição	P. 25
Figura 05 - Folder da 7ª edição	P. 26
Figura 06 – Cartaz de divulgação. 8ª edição	P. 27
Figura 07 - Folder da 8ª edição. Parte externa	P. 28
Figura 08 – Folder da 8ª edição. Parte interna	P. 29
Figura 09 – Folder e Cartaz da 10ª edição	P. 30
Figura 10 – Texto de abertura da 10ª edição	P. 31
Figura 11 – Cartaz de divulgação. 11ª edição	P. 32
Figura 12 – Folder da 11ª edição. Parte externa	P. 33
Figura 13 - Folder da 11ª edição. Parte interna	P. 34
Figura 14 – Foto - 11ª edição. Jongo da Serrinha	P. 35
Figura 15 – Cartaz de divulgação. 12ª edição	P. 36
Figura 16 – Cartaz de divulgação. 13ª edição	P. 37
Figura 17 – Folder da 13ª edição. Parte externa	P. 38
Figura 18 - Folder da 13ª edição. Parte interna	P. 39
Figura 19 – Foto – Ocupação dos espaços do colégio	P. 40
Figura 20 – Foto - Palestrantes da 13ª edição	P. 41
Figura 21 – Cartaz de divulgação. 14ª edição	P. 42
Figura 22 – Cartaz da programação. 14ª edição	P. 43
Figura 23 – Lançamento de livro. 14ª edição	P. 44
Figura 24 - Cartaz da divulgação. 15ª edição	P. 45
Figura 25 - Cartaz da programação. 15ª edição	P. 46
Figura 26 - Cartaz de divulgação. 16ª edição	P. 47
Figura 27 - Cartaz de divulgação. 17ª edição	P. 49
Figura 28 - Folder da 17ª edição. Parte externa	P. 50
Figura 29 - Folder da 17ª edição. Parte interna	P. 51
Figura 30 – Foto – produção dos alunos	P. 52
Figura 31 – Foto – produção dos alunos	P. 53

Figura 32 – Foto – produção dos alunos	P. 54
Figura 33 – Foto – reunião pré-projeto	P. 55
Figura 34 – Foto – atividade banca de doações de livros	P. 56
Figura 35 – Foto – atividade musical	P. 57
Figura 36 – Foto – atividade Sarau	P. 58
Figura 37 – Foto – atividade Tranças	P. 59
Figura 38 – Foto – atividade palestra sobre sincretismo religioso	P. 60
Figura 39 – Foto – Desfile do Projeto Semana Afro-brasileira	P. 62
Figura 40 – Gráfico. Grau de conhecimento	P. 68
Figura 41 – Gráfico. Grau de envolvimento	P. 69
Figura 42 – Gráfico. Sugestões	P. 70
Figura 43 – Gráfico. Participações	P. 71
Figura 44 - Foto - Prêmio CEDINE. 1º lugar para o Projeto	P. 74

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como temática central o combate ao racismo no meio escolar da rede pública de educação e o seu impacto no currículo, através da descrição e análise de um projeto pedagógico de escopo cultural, coordenado pela autora desta monografia, o mesmo ocorre anualmente no Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares, situado no bairro Barreto, no município de Niterói, antiga capital fluminense.

Essa monografia tem origem na observação das ações entre docentes e suas relações com os conteúdos estabelecidos pelo currículo mínimo obrigatório, e a produção do conhecimento indispensável para enfrentar o racismo e a discriminação racial a partir do território escolar.

A ideia é apresentar os principais caminhos percorridos no processo de organização de um projeto dessa natureza na educação básica, reconhecendo-se de que modo as relações de forças presentes no currículo interferem nas diferentes etapas de sua realização. Procura-se demonstrar as tentativas de silenciamentos, atravessamentos e subjetividades que acompanham todo o processo de elaboração das principais atividades relativas ao Projeto Semana Afro-Brasileira, aqui apresentadas como parte das problematizações produzidas ao longo das suas dezessete edições, realizadas entre 1998 e 2019, trazendo à tona uma série de desdobramentos em torno da temática das relações raciais no Brasil e no mundo. Nesse trabalho permite-se destacar as contribuições feitas dentro do local em que o projeto se realiza, assim como, destaca suas importantes contribuições para enriquecimento em discussões quanto ao tema, como pelo entendimento dos direitos da população negra.

Como o Projeto tem as suas edições configuradas enquanto Semanas Afro-Brasileiras, realizadas anteriormente à Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003), que trata da obrigatoriedade do ensino da história e cultura do negro, a relevância desse trabalho consiste no fato de sua organização partir de ideias que envolvam pensamentos de educadores e outros profissionais de diferentes áreas preocupados em dar visibilidade ao tema na escola, mas com um viés que une pesquisas acadêmicas à produção intelectual de ativistas do Movimento Negro.

Para contar a história da Semana Afro-Brasileira, recorre-se a ideia de cultura como um processo em constante transformação, diferenciando-se da tradicional visão patrimonialista e adotando-se uma perspectiva de mobilidade e ação (CANCLINI, 1990). No decorrer do trabalho, necessário se faz ampliar a perspectiva de cultura para atender os principais caminhos pelos quais a temática racial foi tratada dentro do projeto, face às

mudanças sociais, visto que essas transformações repercutem no chão da escola fazendo reverberar diferentes gestos na comunidade escolar.

Mas, as mudanças decorrentes do lidar com o fenômeno do racismo também encontram eco no próprio sujeito que protagoniza ações com o sentido explícito de intervir na mentalidade e no comportamento de indivíduos ou grupos sociais, como é o caso de uma comunidade escolar.

2 TRAJETÓRIA

Desde os anos 1980, portanto bem antes de concluir minha formação profissional e passar a atuar nessa condição no âmbito escolar, fui despertada para a denominada “questão racial”.

Ao destacar desses deslocamentos que fazem parte de um roteiro de vida pessoal, por atividades de matrizes africanas, mostro como diferentes instituições são trazidas para esse trabalho monográfico como representações de muitas vozes interligadas naquele contexto, criando interações valiosas com o presente que se constitui em comunhão com gestos imagéticos alicerçados nas práticas das oralidades.

Interessante registrar aqui o quanto o trabalho de enfeitar o corpo a partir das tradições milenares africanas, ressalta os valores compartilhados por minhas andanças em territórios de diversas naturezas, ou seja, as trajetórias que carrego ganham formatos que delineiam essas construções de ser e estar no ocidente enquanto mulher negra/preta dentro do sistema branco hegemônico. Compreendendo a responsabilidade do Projeto Semana-Afro-brasileira, a partir da tentativa de se pensar na reconstrução da imagem retomando valores africanos e criando uma movimentação naquilo que represento enquanto pessoa dentro e fora da escola, sendo uma mulher com tranças e habitando o espaço na condição de quem dissemina conhecimentos.

A fala de Muniz Sodré (2017) sobre cultura negra no Brasil dialoga com essa questão acima colocada:

O pensamento nagô valoriza ao invés do sentido e do tempo, valoriza o espaço e a força, não é a força física é a potência o axé. O poder de fazer, o poder de realizar, onde tem poder de realização, isso é valorizado pela cultura nagô. Esse poder de realizar é o poder de se reconstruir uma casa, de fazer alguma coisa, de inventar alguma coisa[...]. Então, a potência está aí, portanto, o fazer e a dinâmica do acontecer é o que se chama de potência.

Em meados dos anos 80, ao participar de uma aula de História, fui impulsionada por uma professora chamada Maria Marli a ler um texto sobre Zumbi dos Palmares, elaborado pelo Grupo de Trabalhos André Rebouças - GTAR. Na ocasião, a professora havia iniciado uma conversa em sala de aula a partir de um caso de racismo ocorrido com a jornalista Glória Maria ao tentar entrar em um hotel no Rio de Janeiro. Esse caso gerou debates sobre o racismo no Brasil, e dessa forma a Professora Marli colocou o tema como forma de sensibilização para todos os alunos da turma. Posteriormente, fui presenteada por essa mesma professora com o Manifesto Comunista.

Ela foi mais uma que impulsionou essa rota, através de um vínculo de amorosidade, e alinhavamos o nosso pertencimento com uma grande troca de sorrisos. Ao final da aula, ela me entregou um material de divulgação para um evento a ser realizado no Museu do Ingá. Naquele espaço entrei em contato com vários movimentos culturais e políticos de Niterói, inclusive com o GTAR. Esse contato me incentivou a acompanhar a agenda cultural do grupo, até que fui mais uma vez despertada e me inscrevi em um Ciclo de Palestras sobre a Vida da Comunidade Afro-Brasileira.

Fui recebida por um dos integrantes do GTAR, Luiz Carlos Rodrigues. Neste dia ocorreu a apresentação de um grupo de poesia chamado Panela de Pressão. Posteriormente uma mulher aproximou-se, apresentando-me uma cópia de um livro. Ela fez isso com cada aluno do curso, mostrando um material com fotos de negros africanos, até chegar a minha vez. Então, ela explicou cada uma das imagens e junto a um pequeno espelho disse-me:

Olhe bem para essas imagens, observe cada foto, agora olhe esse espelho. Quando chegar em casa, olhe para o seu espelho, mas olhe-se com calma, você verá uma mulher, uma bantu. Você é uma mulher que será desse grupo para sempre, você será nossa, estará conosco, não sairá mais daqui.

Fala de Beatriz Nascimento

Essa mulher cuja voz era dotada de um tom profético era Beatriz Nascimento, professora, historiadora, pesquisadora, intelectual e ativista, uma das fundadoras do GTAR, e que, junto a todos os demais componentes presentes naquele momento reacenderam recordações potentes para uma tentativa de reconhecimento. Aquela prática mostrava o quanto a sensação de pertencimento pelo grupo dava pistas do que me devolvia ao meu próprio ser, motivando um devir de mulher negra. Agora me deparara enquanto aluna do Ensino Médio, diante de alunos professores com um possível currículo não oficial, que me enxergava. As pessoas naquela sala da Universidade Federal Fluminense, ocupando o espaço,

eram predominantemente negras, e eu descobrira a possibilidade de novas leituras. Dessa forma, não me senti mais tão solitária quanto na escola. Sai de lá com muita vontade de estudar, ler e visitar bibliotecas, pois desejava ser uma aluna universitária.

Esse encontro com o grupo me motivou aos variados deslocamentos culturais por Niterói, possibilitando maiores descobertas pela cidade, naquela época ainda pouco explorada por mim. Meu corpo movia-se pelo Barreto, do local em que eu residia para o espaço escolar, fazendo com que as maiores concentrações de produções culturais dos anos iniciais no jardim de infância até a primeira fase de meu Ensino Médio ocorressem dentro do território escolar.

Essa situação se encontra com a fala de Sodré (2017) ao tratar da corporeidade, do corpo presente: “A valorização de uma educação iniciática, a educação precisa de professor, precisa de gente de corpo, precisa de gente para se lidar”.

Repensar essa trajetória considerando o movimento de um corpo jovem de uma negra na cidade, possibilita a observação do quanto de africanidades foram despertadas em diferentes locais, situando um corpo naquele cenário sócio econômico da época, ao mesmo tempo em que esse mesmo corpo fragmentado tentava se sentir inteiro nas instituições oficiais, e para além dos muros escolares.

Assim, ao chegar ao espaço acadêmico como aluna, já havia sido “iniciada” em várias escolas, leituras acadêmicas, bibliografias e autores, inclusive de estudos sobre contribuições do negro na formação social brasileira, o que em alguns momentos confrontaram-se com o currículo oficial. Observei poucas tentativas de alguns profissionais das áreas de Ciências Sociais buscando desconstruir a ideia de paraíso tropical sustentada na época por obras como o livro *Casa Grande e Senzala*¹, em que as relações de violência entre os povos acabaram por sustentar o mito da democracia racial, conferindo este rótulo paradisíaco para o Brasil.

Por outro lado, enquanto aluna da universidade percebi o quanto os aprendizados trazidos de diferentes espaços fundados por matrizes africanas dialogavam com as bibliografias canônicas, o que, ao mesmo tempo, geravam conflitos:

¹ FREYRE, G. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48ª ed. Rev. São Paulo: Global. 2003. 375p.

Iniciei no magistério em meados dos anos 80, participando como monitora de uma Colônia de Férias na LBA- Legião da Boa vontade na Engenhoca (Niterói) passando por estágios em turmas de pré-vestibular de grande nome e em escolas públicas simultaneamente. Atuei na FAETEC em 1997 (Barreto), lá mesmo soube do concurso para professora da rede pública estadual, ingressando em 1998 em uma escola de Niterói, o Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares e trabalho nessa escola até hoje, sendo professora de Língua Portuguesa, e Leitura e Produção Textual em sala de aula, e realizando diferentes eventos e projetos, sendo um deles a Semana Afro-Brasileira, objeto central dessa pesquisa. Nesse momento, a fala de Beatriz Nascimento (NASCIMENTO, 2018) me deu suporte e me impulsionou para a minha jornada como professora, negra e consciente do meu papel enquanto educadora, papel esse que deveria atravessar o currículo oficial quando, e ir além:

“A história do Brasil foi uma história escrita por mãos brancas, conforme frase de Januário Rodrigues, citada por Beatriz Nascimento, ela acrescenta que: tanto o negro quanto o índio, os povos que viveram aqui juntamente. com os brancos, isso não tem essa escola escrita ainda, isso é um problema muito sério, porque a gente frequenta universidades, frequenta escolas e não se tem a visão correta do passado da gente, do passado do negro. Então ela não foi somente omissa,mas terrível ainda, na parte em que ela não foi omissa, ela negligencia fatos muito importantes e deforma muito a história do negro tratando basicamente da escravidão e deixando de lado outras formas do negro viver no Brasil como todo o processo de alforria que houve durante quase todos os quatro séculos de escravidão e principalmente com relação ao quilombo.”

Assim, tratar da ideia de organização da Semana Afro-brasileira como um projeto agregador de toda a comunidade escolar, com convidados ativistas e intelectuais direcionados ao tema, também é uma forma de repensar resistências que caminham com uma proposta de se entender uma visão de quilombo não só como uma reunião de pessoas, realizando atividades voltadas para um modo de ser, mas um conjunto de (geo)grafias impressas no território escolar que se intercalam no espaço-tempo da escola através dos aquilombamentos, fazendo e se refazendo a partir de um marco civilizatório que é anualmente resgatado e reafirmado nas edições da Semana Afro-brasileira.

Assim, também me afirmo e me reatualizo enquanto mulher negra a cada edição, tecendo junto aos diferentes pares propostas de intervenções e problematizações presentes no cotidiano escolar.

3 OBJETIVOS

O objetivo central da pesquisa é apresentar analiticamente uma experiência de projeto antirracista em escola pública, demonstrando como a execução das atividades movimentou o território, entendido aqui como um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder (SOUZA,1995). Assim, esse trabalho se propõe a descrever a importância do Projeto Semana Afro-brasileira em termos da inserção da temática racial no território escolar.

3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Analisar o grau de envolvimento dos professores participantes do projeto. Além de comparar os princípios que norteiam o Projeto com os das leis 10.639/03 e 11.645/08 (BRASIL, 2003, 2008).

4 JUSTIFICATIVA

Este trabalho se justifica por tratar-se de um projeto cultural que mobiliza e movimentou um espaço escolar mesmo antes de existir uma lei que o ampare, mostrando como uma produção cultural pode intervir positivamente no currículo escolar ao mesmo tempo em que encontra resistências às suas manifestações naquele território. Gradativamente os alunos passaram de espectadores a realizadores do evento em função da incorporação dos produtos culturais.

5 METODOLOGIA

A pesquisa se baseou na análise de materiais visuais produzidos por alunos em atividades orientadas por professores participantes do projeto, análise dos relatos escritos (Diário de Campo). Também se recorreu à questão das oralidades e de depoimentos fornecidos por participantes do Projeto.

Os questionários aplicados foram construídos de acordo com a proposta de Aaker *et al.* (2013), que considera que são os objetivos das pesquisas que orientam os tipos e os *designs* dos questionários. Nesse sentido, o questionário aplicado para este trabalho foi constituído por perguntas fechadas, com espaços para sugestões conforme o caso. Esta opção

se justifica em função da dificuldade de se encontrar os professores com tempo disponível para se dedicarem a mais esta tarefa. O questionário com 4 (quatro) perguntas fechadas permitiu rapidez nas respostas, simplificando o trabalho e permitindo-se alcançar um maior número de professores participantes.

Também as tarefas de processamento e análise das informações foram simplificadas a partir de um modelo mais objetivo de questionário.

6 CONTEXTO TEÓRICO

Uma das principais vozes, em termos do aparato teórico deste trabalho monográfico, é Fanon (1968, 2008). Naquilo que ele retrata das relações entre colonizado e colonizador, e de que modo essas relações perpassam os aspectos linguísticos e corporais. Para Fanon (1968, p.26):

A descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores sobrecarregados de inessencialidade em atores privilegiados, colhidos de modo quase grandioso pela roda viva da história. Introduce no ser um ritmo próprio [...].

Já Foucault (1985), é aqui apresentado como modo de tratar das questões da genealogia do poder, as interações deste com os intelectuais, e as relações entre poder e corpo. Foucault (2015) se debruça sobre as construções discursivas, as formações dos objetos e seus enunciados são referenciais que ajudam a pensar os atravessamentos desse projeto, pois ressaltam os contextos socioculturais onde convergem relações de poder entre oprimidos e opressores, nas suas mais variadas formas de manifestações, nem sempre visibilizadas.

As Epistemologias de Sodré (1983, 2017) aqui são pensadas como forma de aproximar as ideias de espaço, força e alegria, assim como os desdobramentos das representa es dos corpos presentes no ambiente escolar tantas vezes tratados como ausentes, mas movimentados para além da vontade de quem e de como são olhados e observados em seus gestos impregnados de conhecimentos africanos e que realizam e fazem acontecer de forma intensa ainda quando não reconhecidos em diferentes espaços. Esses pensamentos se afinizam com esse trabalho, considerando-se perspectivas culturais que despertam potências dentro de um sistema de domina o.

As referências a Santos (2000) e Souza (1995) são trazidas para também se pensar as concep es de territórios que mais se aproximam das características desse trabalho, dessa

forma, apresentam-se alguns conceitos de territórios que se adequam a esta proposta: Assim, para Santos (2000, p.96):

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence.

Ressalta-se também, que em função dos vários atravessamentos, disputas e ataques diretos ao projeto, a concepção de território de Souza (1995, p.78) é muito pertinente, pois para ele o território é visto como um “espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”.

Já o conceito de Quilombo relaciona-se com as afirmações culturais do negro², dentro do território escolar, isto é, a maneira como ele se constitui na escola através das atitudes no momento em que se anuncia, ocupando da quadra aos corredores, agregando pessoas, simbologias e memórias numa pauta que o nega, um pilar importante do Projeto Semana Afro-brasileira. Segundo Nascimento (2018), no Brasil, os quilombos referiam-se, numa abordagem mais ampla, a núcleos de população negra livre do domínio colonial, que resistiam às investidas militares aos seus territórios, e que tiveram no Quilombo de Palmares (Séc. XVII) sua principal expressão. Os quilombos eram possuidores de espacialidades e temporalidades próprias, movimentavam-se pelos territórios, adequavam-se aos modos de produção da época e suas temporalidades permitem o reconhecimento dessas estruturas nas sociedades dos dias atuais.

Ainda de acordo com a autora, partir de uma concepção africanista, quilombos referem-se a grupos de indivíduos territorializados em qualquer área, delimitada pelo espaço visível, invisível e, finalmente cósmico, resultado de um longo processo de acomodações populacionais, e estruturante de uma civilização extremamente equilibrada em suas diferenças.

² As palavras “negro(a)” e “preto(a)” aparecem na pesquisa ocupando sentidos conforme contextos históricos de intelectuais e ativistas negros dos anos 80. Esse trabalho não pretende debruçar-se nessa questão, mas cabe esclarecer que contemporaneamente existem alguns pensadores, que optam pela palavra “preto(a)”. Nota da autora.

A consideração do espaço escolar como um território, parte, portanto, do pressuposto de que mesmo este espaço sendo o *locus* de atividades educativas e formadoras, é também um espaço permeado por relações de poder, já que a escola precisa estar conectada aos movimentos da sociedade, conforme registrado no Artigo 12 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (BRASIL, 1996), que trata das suas incumbências: VI: “articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola”.

Assim a escola, a sociedade, as comunidades e as famílias compartilham os mesmos campos de tensões onde também convergem as relações e poder. Foi neste território específico de uma escola pública da rede estadual que surgiu e vem se afirmando o Projeto Semana Afro-brasileira.

Ainda no que diz respeito às discussões sobre raça e racismo no território escolar, a pesquisa realizada dialogou com Lino (2003, p. 78) quando diz que:

Quando o movimento negro e pesquisadores da questão racial discutem sobre a raça negra, hoje, estão usando esse conceito do ponto de vista político e social, com toda uma ressignificação que o mesmo recebeu dos próprios negros ao longo da nossa história. Por isso, a discussão sobre raça, racismo e cultura negra nas ciências sociais e na escola é uma discussão política.

O Projeto Semana Afro-brasileira vem, portanto, assumindo a politização das temáticas negras no território escolar desde as suas primeiras edições, buscando dessa forma se afirmar e “estremecer” o chão da escola.

7 HISTÓRICO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA

A Semana afro-brasileira, iniciada em 1998 (figuras 2 e 3), teve sua 17ª edição em 2019, sendo realizada desde o início no Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares, situado à rua Dr. March, nº 392, no bairro Barreto, no município de Niterói - RJ.

A principal proposta do Projeto desde sua primeira edição em 1998 é discutir as questões relativas aos negros no Brasil, dando visibilidade à temática da discriminação racial.

A professora Marilena Peluso, foi uma das impulsionadoras dessa conversa no Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares a partir de contatos com intelectuais e ativistas da época, ao convidar para uma atividade com o Grupo de Trabalhos André Rebouças para falar em uma de suas aulas, o que possibilitou, na época, o fortalecimento da ligação da escola com a Universidade Federal Fluminense, visto que o grupo já possuía o seu trabalho no mundo acadêmico. Tal relacionamento intensificou-se ainda mais com a minha entrada, em 1998,

como professora da escola. O nome “Semana Afro-brasileira” (Semana Afro) teve como inspiração o trabalho desenvolvido pelo Grupo de Trabalhos André Rebouças - GTAR na Universidade Federal Fluminense - UFF. O grupo, fundado pelas professoras Beatriz Nascimento e Marlene Cunha em 1975, tinha como alguns de seus objetivos: pesquisar, discutir e divulgar as contribuições do negro para a formação social brasileira.

A professora Marilena Peluso foi uma das implementadoras das discussões sobre o negro, mas inicialmente sem esse nome Projeto Semana Afro na escola trabalhou na Secretaria de Cultura de Niterói ao final dos anos 80, e segundo seu relato, ao participar da reunião que organizaria um projeto sobre questão negra, observou a ausência de negros nas reuniões iniciais. Assim, fez um contato com o GTAR objetivando aproximar-se dos negros da cidade de Niterói para realizar um projeto denominado “Brasil que raça é essa?” Em 1987, no antigo Teatro Leopoldo Froés, espaço de grandes atividades culturais, mas que se encontrava desativado na época.

Além disso, dentro da escola existiu nos anos 2000 um Laboratório de Meio Ambiente Social (LAMAS), que realizou atividades multidisciplinares, já que aproximou professores de Geografia, Sociologia, História, Biologia, Psicologia e Língua Portuguesa. O grupo na época se reunia dentro da escola realizando atividades que atendessem as ideias constantes nas propostas curriculares, assim como outras ações pensadas pela comunidade escolar.

No conjunto desse trabalho, portanto, uma professora de Geografia da escola chamada Fátima também foi importante para algumas concretizações associadas ao tema das relações raciais. Enquanto negra, a professora compartilhou suas experiências em participações articuladas pelo Bloco Afro Orumilá (RJ). Nessa teia que foi formada dentro e fora da escola, ocorreram atividades de sensibilizações com os professores para impulsionamentos de programas interdisciplinares na escola. As reuniões eram realizadas no espaço da escola através de um calendário próprio do grupo que posteriormente repassava suas propostas aos professores da casa.

Progressivamente esse projeto foi ganhando o território escolar, assim como professores aliados ao tema, também por forças das circunstâncias legais que o abarcam, no que tange inicialmente a lei 10.639/03 (BRASIL, 2003), alterando a Lei 9394/96, ao garantir a obrigatoriedade do ensino da temática *História e Cultura Afro-Brasileira* nos estabelecimentos de ensino, e posteriormente a Lei 11.645/08 (BRASIL, 2008), que também alterou a Lei 9394/96 incluindo a temática *História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena*.

É importante ressaltar que a obrigatoriedade anunciada pelas leis foi resultado de mobilizações em décadas anteriores de diferentes instituições do Movimento Negro, cabendo

registrar que nos encontros daquelas instituições formavam-se grupos de trabalhos tratando da área de Educação, cujas discussões geravam documentos que por sua vez eram encaminhados para instituições governamentais e sistematicamente ignorados pelas mesmas.

As legislações, portanto, não causaram surpresas na estrutura do Projeto, pois como já é sabido, ele já acontecia muito antes da promulgação das mesmas. Contudo, é inegável que elas ajudaram no fortalecimento e manutenção do Projeto dentro do território escolar.

Em 2011 o Subprojeto de Pedagogia da FFP/PIBID/CAPES/UERJ (Faculdade de Formação de Professores/Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Universidade do Estado do Rio de Janeiro) passa a apoiar a Semana Afro-brasileira através das ações realizadas pelo grupo Visibilidades e Resistências, formado por bolsistas e supervisionado pela Professora Cláudia Nascimento (Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares – CECMS) e coordenado pela Professora Dr^a Rosimeri Dias da FFP/UERJ. Em sua 13^a edição, a parceria se manteve nas diferentes etapas de planejamento e realização das atividades Semana Afro. O Subprojeto PIBID se caracterizava por intervenções no território escolar, apresentando possibilidades em termos de práticas inventivas, tendo como base o trabalho coletivo que unia os professores da escola com alunas bolsistas da UERJ e as professoras orientadoras da universidade (DIAS, *et. al.* 2017).

8 EDIÇÕES DA SEMANA AFRO.

Ao longo dos anos, este evento vem se desenvolvendo, se adequando às transformações ocorridas no território escolar e se afirmando frente às novas estratégias de cerceamento do mesmo. Contudo, a Semana Afro-brasileira mantém as características fundamentais que acompanham o evento desde o seu início, no ano de 1998, no Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares, situado à Rua Doutor March nº 398 no bairro do Barreto, no município de Niterói – RJ (figura 1).



Fig.1 – Fachada do prédio principal do Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares. Foto: Vitor Nascimento.

Cada edição do evento é construída com a participação da comunidade escolar, que sugere o tema central, as atividades a serem realizadas e até mesmo na arte dos materiais de divulgação. Esses materiais consistem de banners, cartazes e folder contendo as atividades. Algumas edições, contudo, não tiveram um ou outro desses materiais por motivos diversos. Buscaram-se neste trabalho alguns registros representativos das várias edições da Semana Afro-brasileira. Trata-se de um resgate histórico de um evento que desde o seu início buscou fortalecer e dar visibilidade à identidade e à cultura afro-brasileira, nas suas mais variadas formas de manifestações.

8.1 A PRIMEIRA EDIÇÃO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA – 1998.

A primeira edição da Semana Afro-Brasileira, em 1998 contou com a participação de Professoras convidadas Iolanda de Oliveira (UFF) e Olívia Galvão (Colégio Estadual Paulo de Frontin). As organizadoras foram duas professoras do Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares: Marilena Peluso e Cláudia Nascimento (figura 2).



Fig. 2 – Registro da Semana Afro-brasileira de 1998. Pátio do Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares. Da esquerda para a direita as Professoras: Cláudia Nascimento, Marilena Peluso, Olívia Galvão e Iolanda de Oliveira.

A mesa de abertura do evento teve a participação do Coronel da Polícia Militar Jorge da Silva para falar de projetos contra o genocídio da população negra, mais precisamente de jovens negros, considerando-se uma proposta de cursos de formação (figura 3).

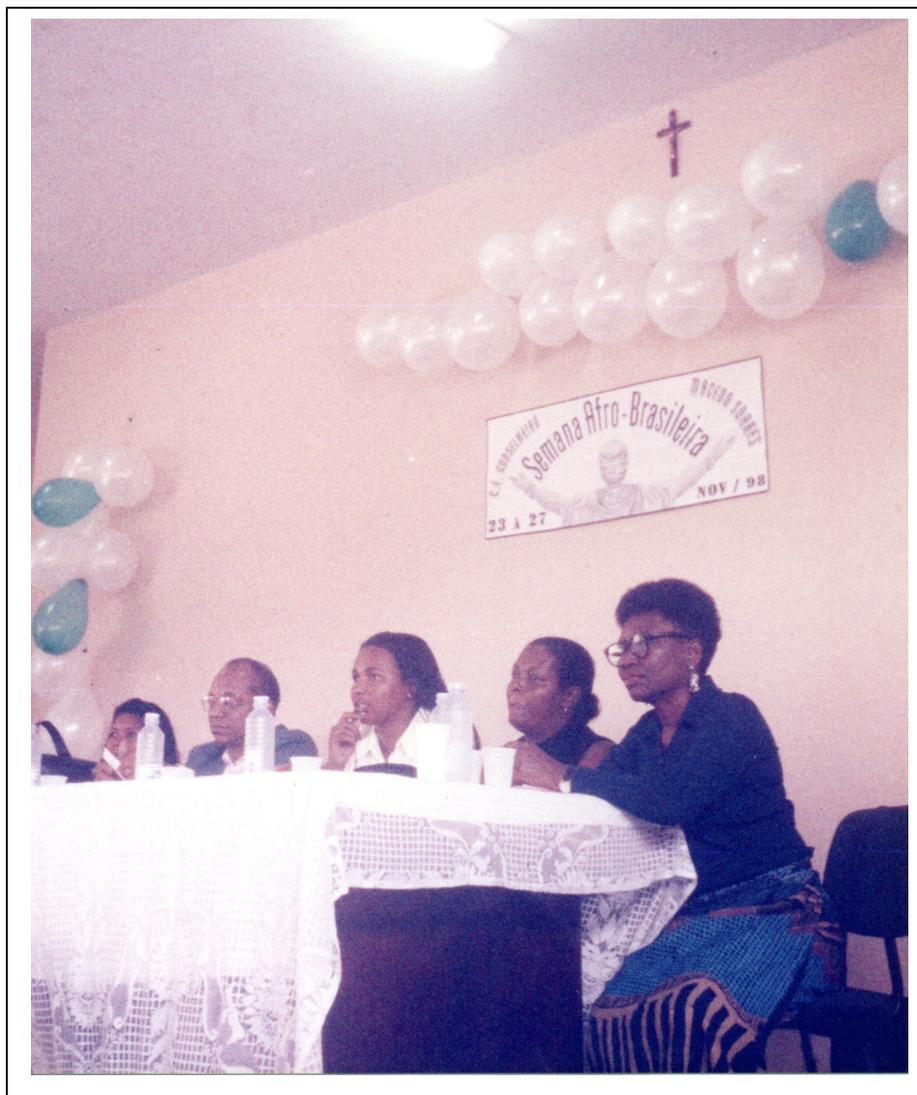


Fig. 3 – Registro da Semana Afro-brasileira de 1998. Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares. Mesa de Abertura do evento. Da esquerda para a direita: Coronel Jorge da Silva, e Professoras: Cláudia Nascimento, Olívia Galvão e Iolanda de Oliveira. Ao fundo e acima o cartaz de divulgação.

8.2 A 7ª EDIÇÃO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA – 2009.



Fig. 4 – 7ª Semana Afro-brasileira. Cartaz de divulgação. Arte: Vitor Nascimento e Cláudia Nascimento.

A equipe pedagógica da época, professoras Rosângela de Souza, Márcia Uchoa e Roseny Cardoso promoveram uma votação junto aos alunos e professores quanto ao título do trabalho.

É importante se registrar que neste ano, o evento enfrentou resistências para a sua realização, e nome “Semana Afro” não foi aprovado, sendo substituído por “Educação e Diversidade”. No entanto, A Professora Cláudia Nascimento participou com uma atividade com a temática “afro”. Tratou-se do VII Recital Lítero-Musical: “Poetas da Literatura Afro-brasileira contemporânea”, conforme a programação na figura 5.

DIA 14 (SEGUNDA-FEIRA)	DIA 15 (TERÇA-FEIRA)
<ul style="list-style-type: none"> * Abertura com a direção e ao som do Hino Nacional. * Exposições com comunicação ao público. * Exposições/Mural. * Oficinas - Ensino Fundamental: <ul style="list-style-type: none"> - Origami, Literária, Jogos, Teatro, Identidade Cultural, Sexualidade e Gênero, Tranças, Jornal Mural, Tangran e Linguagem. * Fórum - alunos do Ensino Médio: <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação da experiência dos Alunos Bolsistas do CECMS na UERJ-FFP. - Apresentação dos Trabalhos desenvolvidos pelos Estagiários Bolsistas no CECMS. * Lanche e saída do Ensino Fundamental. * Intervalo ao som do Sarau de Alunos. * Mesa Redonda com o debate: A Escola de Hoje e a proposta desenvolvida em parceria com a UERJ-FFP. * Participantes: Professores da UERJ, Professores do CECMS, Alunos/Estagiários da UERJ-FFP, Alunos do CECMS. 	<ul style="list-style-type: none"> * Abertura com a Banda da Escola ao som do Hino Nacional. Local: Pátio. * Exposições com comunicação ao público. Ensino Médio e Ensino Fundamental * Filmes com debates. Local: Sala de multimídia. * VII Recital Lítero-musical (Poetas da literatura afro-brasileira contemporânea). Alunos do 8º ano. * Sarau com Alunos e Professores. * Encerramento: * Musical “Eles só queriam mudar o mundo”. (Jovens da Década de 60/70). Alunos da 3ª série do Ensino Médio. Local: Pátio Coberto * Lanche e saída dos Alunos. * Participantes: Professores da UERJ, Professores do CECMS, Alunos/Estagiários da UERJ-FFP, Alunos do CECMS.

Fig. 5 – Programação da 7ª Semana Afro-brasileira. Destacado em vermelho a atividade realizada pela Professora Cláudia Nascimento.

8.3 A 8ª EDIÇÃO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA – 2010 (figura 6).

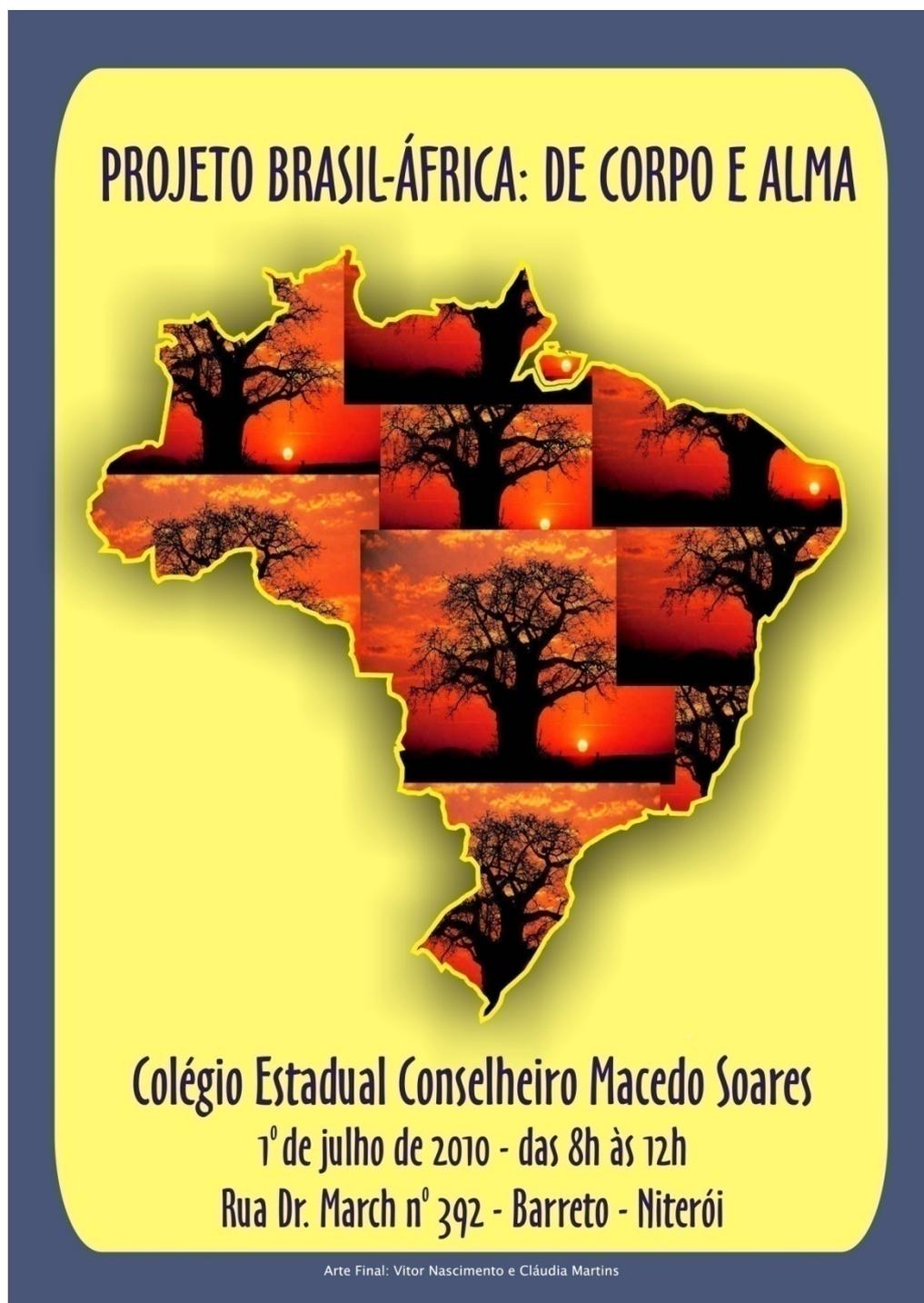


Fig. 6 – Cartaz de divulgação da 8ª edição da Semana Afro-brasileira – 2010. Arte: Vitor Nascimento e Cláudia Nascimento.

Nesta edição, apesar de não constar o nome “Semana Afro-brasileira” registra-se uma aproximação com a temática da mesma. Desde a inclusão do nome “África” no título, até a escolha da árvore baobá para ilustrar o cartaz, a homenagem desta edição à Professora Dra. Iolanda Oliveira da UFF, e toda a programação (figura 7), reforçaram as características do evento.



Direção Geral
Cenira Ravizini de Sá
Direção Adjunta
Geisa Marques
Márcia Uchôa
Clara Fernandes
Orientação Educacional
Roseny Cardoso
Nely Aguiar
Coordenação Pedagógica
Elisabeth Faria

Homenagem
À Prof.ª Rosângela de Souza, que tanto se dedicou à educação e a realização de trabalhos que pudessem tornar a escola mais viva.

Agradecimento
À Prof.ª Dra. Iolanda de Oliveira, diretora do Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira-PENESB/UFF, um exemplo de vida pela causa da qualidade racial no Brasil e que sempre contribui de maneira muito generosa, para realização de nossos eventos.

Professores participantes

Alberto Corrêa - Língua Portuguesa
Cláudia Martins - Língua Portuguesa
Conceição Mesquita - Biologia
Elisabeth Freitas - Língua Portuguesa
Heber Pires - Biologia
Leila Jotha - Língua Portuguesa
Leticia Miranda - Língua Inglesa
Luciana Vieira - Biologia
Marcela Saraiva - Língua Espanhola

Imagens da capa e do selo

O baobá é considerada uma árvore sagrada para muitos povos africanos. É a árvore da vida, e também fonte de fertilidade e a solução medicinal para muitos males.
O baobá pode viver até mil anos e é capaz de armazenar milhares de litros de água!
Adaptado de Natália da Luz - JB Online (março de 2010).

Marilena Peluso - Sociologia
Marília Costa - Artes
Patrícia Miranda - Língua Inglesa
Rogério Duarte - Educação Física
Rosana Soares - Língua Portuguesa
Rosângela Barroso - Matemática
Selma Geron - Língua Inglesa
Sérgio Esterque - Física
Simone Flores - Geografia
Simone Paiva - Língua Portuguesa

Agradecimentos a todos os funcionários da escola

Arte Final: Vitor Nascimento e Cláudia Martins

PROJETO BRASIL-ÁFRICA: DE CORPO E ALMA

Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares
1º de julho de 2010 - das 8h às 12h
Rua Dr. March nº 392 - Barreto - Niterói

Fig. 7 – Folder com a programação da 8ª edição. Parte externa. Arte: Vitor Nascimento e Cláudia Nascimento.

Abertura: Auditório - 8h
 * Vídeo: "Tributo à Nelson Mandela"
 * Palestra: Prof. Amadou Abdoulaye Diop (Senegal)
Apresentação:
 * Conjunto de Flautas da Grotá - Negros e Vozes
 * Maestra Lenora Mendes

Oficinas	Coordenação	Local	Horário
Bonequinhos de cabaça	Simone Paiva	Refeitório	9h às 12h
Símbolos Tribais	Simone Flores	Pátio coberto	9h às 12h
Arte Afrobrasileira (tear, argila e cestaria)	Marília Costa	Pátio coberto	9h às 12h

Jogos

Jogos	Coordenação	Local	Horário
Jogos Africanos	Rosângela Barroso	Pátio	9h às 12h
Jogos Diversos	Marilena Peluso	Pátio Aberto	9h às 12h
Show Ball Cultura africana	Leila Jotha	Pátio externo	9h às 12h

Produção de Vídeos

- 1 - Apartheid na África e no Brasil
 Cláudia Martins - Heber Pires - Marilena Peluso
 Local: Auditório - de 9h às 10h.
- 2 - Um gol contra o preconceito
 Patrícia Miranda - Letícia Miranda
 Local: Sala de vídeo - de 9h às 10h.

Painéis - Exposições

- 1 - Painel de língua estrangeira "Bandeiras da Copa" - Selma Geron - Pátio coberto - das 9h às 12h.
 "Porque esto es África" - Marcela Saraiva - Pátio coberto - das 9h às 12h.
- 2 - A questão dos refugiados africanos - Simone Flores
 Pátio coberto - das 9h às 12h.
- 3 - A física e o futebol - Sérgio Esterque - Pátio
- 4 - O retorno às origens - Heber Pires - Pátio
- 5 - A questão da AIDS na África - Luciana Vieira - Pátio
- 6 - Famílias africanas - Marilena Peluso - Pátio
- 7 - Sou África - Marilena Peluso
- 8 - Herança cultural-culinária africana - Conceição Mesquita - Rosana Soares
- 9 - Nomes próprios de origem africana - Cláudia Martins - Pátio
- 10 - Imagens da desigualdade racial no Brasil - Cláudia Martins - Pátio

Exibição de filmes

- * A princesa e o sapo - Elisabeth Freitas - Sala de vídeo - das 10h às 12h.
- * Invictus - Marilena Peluso - Auditório - 10h.
- * Capoeira - Grupo Arte Negra - Mestre Liu - Rogério Duarte - Quadra - 10h30min.

Sala Ambiente - de 9h às 12h.

- * Poesia e música africana - Alberto Corrêa
- * Contação de histórias - Pêrses Canellas
- * Participação da Biblioteca durante todo o evento

Inauguração

- * Núcleo de estudos e criação Brasil-África.
- * Sala de Pesquisa: Formação Inventiva de Professores e Políticas de Cognição como dispositivos para a criação do Conselho Escolar do Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares.

Fig. – 8 - Folder com a programação do evento. Parte interna. Arte: Vitor Nascimento e Cláudia Nascimento.

8.4 A 10ª EDIÇÃO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA – 2012 (figura 9).

Nesta edição a divulgação foi produzida pelo Professor Roberto Nogueira Fernandes, de História. O nome “Semana Afro-brasileira” volta a se estabelecer.

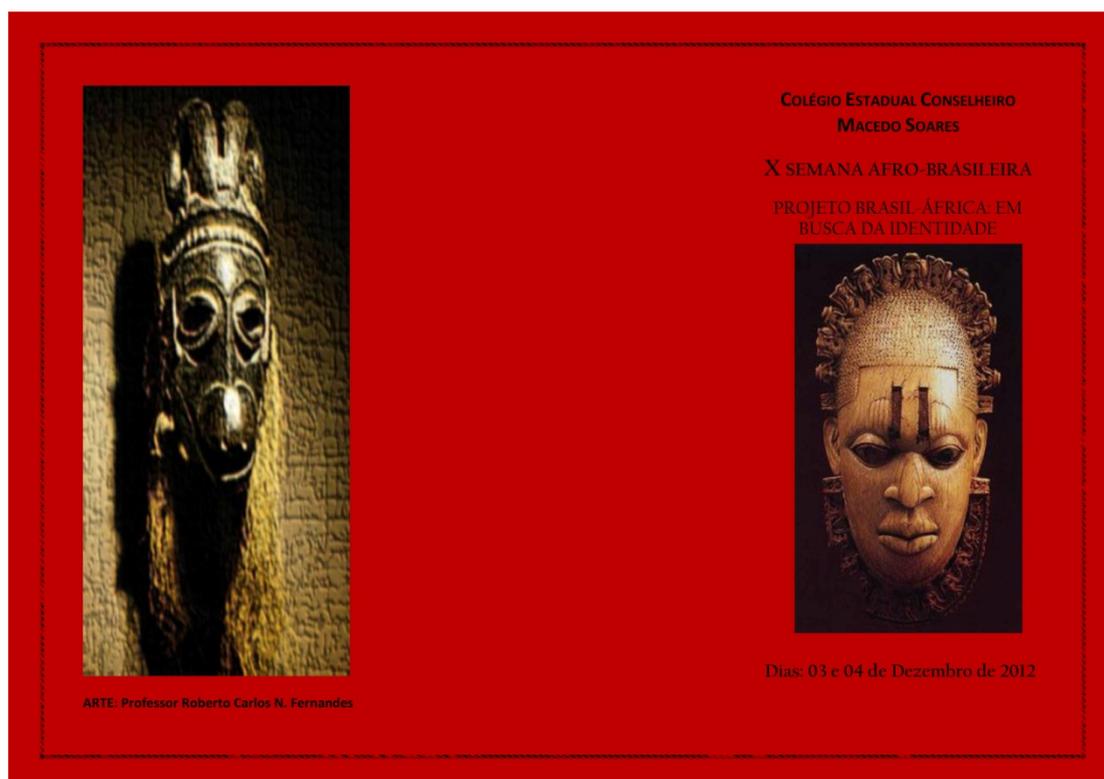


Fig. 9 – Capa do folder (e também cartaz de divulgação) da 10ª edição da Semana Afro-brasileira. Arte: Professor Roberto Carlos Nogueira Fernandes.

A Professora Cláudia Nascimento participou da mesa de abertura e leu um texto de sua autoria chamando a atenção para a centralidade das questões étnico-raciais no território escolar (Fig. 10).

COLÉGIO ESTADUAL CONSELHEIRO MACEDO SOARES

PROFESSORA : Cláudia Martins

TEXTO DE ABERTURA

Bom dia a todos que estão aqui para prestigiar a X Semana Afro do Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares. Essa atividade que se transformou ao longo dos anos em Projeto tem como objetivo principal, destacar através de diversas formas a importância do negro na sociedade brasileira, sem deixar de ressaltar os problemas vivenciados pelo referido grupo.

O Projeto Semana Afro tem como proposta fundamental o combate à discriminação racial buscando dar visibilidade as várias questões concernentes aos mecanismos discriminatórios presentes no Brasil. As atividades em geral , são elaboradas por professores e alunos do colégio, assim como se faz necessária a presença de convidados de outras instituições para compartilharem as suas práticas e saberes sobre à temática em questão. O que é sempre motivo de muita alegria !

As atividades desenvolvidas sugerem que a sensibilização quanto ao tema seja o ponto de partida para se tentar criar uma ação conjunta , procurando não desrespeitar a linha de ação de cada profissional dentro das suas respectivas áreas. Considerando o papel social do educador e dos diversos olhares que um tema dessa natureza pode oferecer dentro e fora da escola, vale lembrar algumas aspectos relevantes.

O artigo 5º parágrafo 42 da Constituição da República Federativa Brasileira de 1988 diz que a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei.

Assim a Constituição ao abordar os direitos e deveres individuais e coletivos registra o “direito a vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. Contudo, sabe-se que a Constituição é resultado de muitas lutas, e as conquistas precisam ser asseguradas além do registro no papel, ou seja na prática.

Reatualizar as leituras, transformar a forma de ver e sentir, possibilitam sobretudo trabalhar ideias preconcebidas para tentar se libertar das suspeitas, das intolerâncias e aversões a outros grupos étnicos, credos ou religiões. Ampliar o conhecimento sobre a condição em que vive a comunidade afrobrasileira pode levar a sociedade a diversas atitudes, inclusive a de silenciar. Pois é assim que uma das faces da discriminação racial no Brasil se faz representar - através da política do silêncio.

Apresento alguns dados estatísticos:

Violência Racial e Policial

1º - Metade das vítimas de homicídios no Brasil tem entre 15 e 29 anos, e sete de cada dez jovens assassinados são negros, sendo mais de 90% do sexo masculino.(Instituto Sepir e Ministério da Justiça).

2º - Foram identificados aproximadamente 300 sites de conteúdos neonazistas no Brasil. (Pesquisa do Bolsista da UFRJ em trabalho apresentado na UNIRIO em 2009)

3º - São frequentes os ataques aos terreiros e ou zeladores de santos das religiões afrobrasileiras (Levantamento feito por pesquisadores da UERJ- recente)

4º - Patrimônios materiais e imateriais ligados a cultura afrobrasileira são constantemente atacados como: o monumento a Zumbi, a capoeira, através da insistência quanto a mudança das cantigas por parte de algumas instituições, inclusive escolas, e a tentativa de se trocar o nome do Acarajé por parte de alguns líderes que se dizem representantes de determinados grupos religiosos.

Isso é só uma parte da história que quase nunca é muito divulgada pelas grandes emissoras.

Termino citando o poeta, compositor, dramaturgo e cantor Altay Veloso “Eu jurei atravessar o mar nas asas do Albatroz. E agora que eu cheguei posso vencer as embarcações.”

Muito obrigada Diretora, professores e alunos do Macedo Soares, pelo respeito, pois a escola ainda é um espaço de denúncia e resistência política e cultural.

Fig. 10 – Texto de abertura da 10ª edição (2012) elaborado e lido pela Professora Cláudia Nascimento.

8.5 A 11ª EDIÇÃO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA – 2013 (Figura 11).



Fig. 11– Cartaz da 11ª edição da Semana Afro-brasileira. Arte: Vitor Nascimento e Cláudia Nascimento.

Para esta edição o eixo norteador escolhido foram as questões relativas aos patrimônios e as memórias. As atividades exploraram, em sua maioria, aspectos da oralidade, dos legados existentes e daqueles a serem resgatados e valorizados. A homenageada foi a Professora, Historiadora e Roteirista Beatriz Nascimento (figura 12).

In memoriam

Beatriz Nascimento (1942-1995) - Profª de História, ativista e fundadora do 1º grupo de estudantes negros em uma universidade no Rio de Janeiro - UFF - (GTAR).

A principal proposta da Semana Afro-brasileira é a de mobilizar a escola em torno da questão racial na busca da desconstrução de mitos e desnaturalização dos processos de exclusão existentes na nossa sociedade.

Através de palestras, oficinas, exposições e apresentações diversas, pretendemos colocar em análise o racismo, afirmando outros modos da inserção do negro nas relações sociais no Brasil.

Neste ano, vamos enfatizar a contribuição do negro na construção da memória e do patrimônio nacional.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA REGIONAL DAS BAIXADAS LITORÂNEAS
COLÉGIO ESTADUAL CONSELHEIRO MACEDO SOARES

Direção Geral
Cenira Ravizzini de Sá

Direção Adjunta
Roberto Carlos Nogueira
Márcia Uchôa

Coordenadora Pedagógica
Gisele Mirandola

Autoria do Projeto
Marilena Peluso

Produção Cultural e Pesquisa
Cláudia Martins

Organização Professores Participantes de diversas áreas
Agradecimentos a todos os funcionários da escola e a todos que combatem o racismo.
Arte Final: Vitor Nascimento e Cláudia Martins

XI SEMANA AFRO-BRASILEIRA
Patrimônios e Memórias

Colégio Estadual
Conselheiro Macedo Soares
11 a 14 de novembro de 2013
7h30 às 12h30
Rua Dr. March nº 392
Barreto - Niterói

Fig. 12 – Folder com a programação da 11ª edição. Homenagem à Historiadora Beatriz Nascimento (parte externa). Arte: Vitor Nascimento e Cláudia Nascimento.

Dia 11/11/2013 (2ª feira)

Mesa de Abertura:
Diretores e Organizadoras - 07h30

*Palestra - 8h-9h10. A expansão das religiões afro-brasileiras na Europa - Prof.ª Dra. Joana Bahia (UERJ / FAPERJ). Auditório.

* Jamaica - Influências na cultura; exclusão do negro na sociedade brasileira - 9h30-10h20 - Prof.ª Simone Flores (Geografia) - T. 3001. Auditório.

* Recital - 10h30-11h20. Prof.ª Cláudia Martins (Língua Portuguesa) - T. 1005. Auditório.

* Contos africanos - 11h30 - 12h30. Prof.ª Joelma Ferreira (Produção Textual) T. 902. Auditório.

* Laboratório de Moda Afro - Produtora de Moda Vanessa Vieira - 7h30-12h30. Pátio. Máximo 20 inscrições por cada oficina.

Dia 12/11/2013 (3ª feira)

* Criação do mundo - 7h30-8h - Prof.ª Cristina Valdivia (Geografia) - T. 1005. Auditório.

* Palestra - 8h - 8h30. Diálogos sobre Teatro e Dança. Cátia Costa (Atriz - UNIRIO) Auditório.

* Palestra - 8h30-9h. No tabuleiro da baiana tem: uma discussão sobre Patrimônio, História e Identidade Negra - Débora Simões (Historiadora - UERJ). Auditório.

* Jorral bilíngue - 9h30-10h20 - Poesia: "O negro", e o discurso de Martin Luther King - Prof.ª Patrícia Miranda e Leticia Miranda (Inglês). Sala dos Espelhos.

* Teatro - 10h30 - 11h20 - A importância do negro (Negros cientistas e inventores). Prof.ª Luciana Vieira (Biologia). Auditório.

* Capoeira - 11h30 - 12h15. Mestre Liu. Pátio.

Dia 14/11/2013 (5ª feira)

* Esquetes - 7h30-8h20- Prof.ª Marilena Peluso (História). T.2001. Auditório.

* Poesias dramatizadas - 9h40 - 10h30 - Prof.ª Érica Pimentel e Prof.ª Cecília Braga (Língua Portuguesa) Turmas 2002 e 802. Sala dos Espelhos.

* Desfile - 9h - 9h40 - Mitologia Africana. Atividade proposta e organizada por alunos (diversas turmas). Pátio.

* Vídeo - 10h-10h30 - Pixinguinha - Carinhoso - Prof.ª Antônio Martinho (Língua Portuguesa) - T. 601. Auditório.

* Vídeo -10h-10h30 - Donga - Pelo Telefone - Prof.ª Antônio Martinho (Língua Portuguesa) - T. 602. Auditório.

* *Jongo da Serrinha* 10h40 - 11h40 - Auditório Encerramento.

VÍDEOS - Sala Multimídia

* *Mandala - luta pela liberdade* -118 min.10 anos. 11/11/2013 (2ª feira) - 7h30-8h50.

* *Música Negra* - Tim Maia - 60min. Livre 11/11/2013 (2ª feira) - 9h10-10h30.

* *A história do número 1* - 58 min. Livre. 12/11/2013 (3ª feira) - 7h30-8h30. Prof.ª João Quintanilha e Prof.ª Alex Souza (Matemática).

* Cientistas e inventores negros: promovendo a alteridade e combatendo o racismo. 12/11/2013 (3ª feira) - 8h40-9h50. Prof.ª Luciana Vieira (Biologia).

* *Heróis de Todo o Mundo*. 25min. Livre. 14/11/2013 (5ª feira) - 7h30-8h20. Prof.ª Manoel Mesquita (Matemática).

* *Vista a minha pele*. 15min. 12 anos. 14/11/2013 (5ª feira) - 8h30-8h50 / 8h50-9h10. Prof.ª Manoel Mesquita (Matemática).

Exposições

Durante todo o evento

1 - Registros literários de africanos e brasileiros. Prof.ª Cláudia Martins (Literatura). T.1005. Auditório.

2 - Sincretismo religioso no Brasil. Prof.ª Marília Costa (Artes). Prof.ª Caroline (História) T. 702. Pátio.

3 - Influência africana na culinária do Brasil. Prof.ª Marcela Saraiva (Produção Textual) T. 701. Sala de aula.

4 - Culinária africana. Prof.ª Adriane Câmara (Língua Portuguesa) T. 703. Pátio.

5 - Símbolos poéticos na cultura afro-brasileira. Prof.ª Maria Amélia Rubim (Artes) e Prof.ª Rosângela Souza (Matemática) T. 802. Pátio.

6 - Provérbios africanos. Prof.ª Luciana Oliveira (Língua Portuguesa) e Prof.ª Manoel Mesquita (Matemática). T. 901. Sala de aula.

7 - Inventores Negros - Prof.ª Tarcísio de Brito (Geografia) e Prof.ª Luciana Oliveira (Língua Portuguesa) - T. 903. Pátio.

8 - Irmandades negras em Minas Gerais - Prof.ª Alberto Corrêa (Língua Portuguesa) - T. 1001. Sala de aula.

9 - Aleijadinho e Pe. José Maurício - Prof.ª Alberto Corrêa (Língua Portuguesa) - T. 1002. Sala de aula.

10 - Memórias do Cinema Negro. Prof.ª Cláudia Martins (Língua Portuguesa). T. 3001. Pátio.

11 - Igreja Copta - Prof.ª Fábio Borges (Filosofia). T. 3002. Pátio.

12 - Máscaras africanas - Prof.ª Gabriel Martins (Artes) T. 904. Sala Temática.

13 - Patrimônios e Memórias - Instituições negras de combate ao racismo. Prof.ª Cláudia Martins (Língua Portuguesa) T. 3002. Pátio.

14 - Fotografando o evento - Prof.ª Rosana Soares (Língua Portuguesa) T.1003 e 1004.

Fig. 13 – Folder com a programação da 11ª edição e a homenagem à Historiadora Beatriz Nascimento (parte interna). Arte: Vitor Nascimento e Cláudia Nascimento.

Esta edição contou com a participação do tradicional grupo Jongo da Serrinha (Fig. 14) e as presenças especiais de Tia Maria e Luiza Marmelo (*In memoriam*).



Fig. 14 – Participação de integrantes do Jongo da Serrinha. Auditório do colégio. Ao fundo o cartaz do evento. Foto: Vitor Nascimento.

8.6 A 12ª EDIÇÃO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA – 2014 (figura 15).

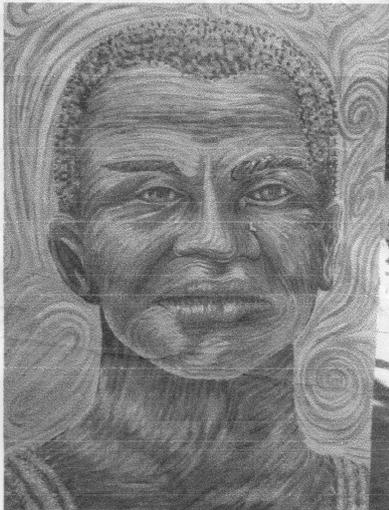
Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares

AFROcine

Eu tenho um sonho. O sonho de ver meus filhos julgados por sua personalidade e não pela cor de sua pele (Martin Luther King Jr.)

Local: Sala de vídeo

Realização: Prof.º Douglas Pinheiro (Sociologia)



Zumbi dos Palmares — 1999, Elvis Silva

<p style="text-align: center;">3/4 de Novembro</p> <p>1ª Sessão—A negação do Brasil (2000, Joel Zito Araújo)</p> <p>2ª Sessão—Hotel Rwanda (2004, Terry George)</p> <p>3ª Sessão—Milton Santos: por uma outra globalização (2006, Silvio Tendler)</p>	<p style="text-align: center;">10/11 de Novembro</p> <p>1ª Sessão—Amistad (1996, Steven Spielberg)</p> <p>2ª Sessão— Django Livre (2012, Quentin Tarantino)</p> <p>3ª Sessão— Rio, 40 graus (1955, Nelson Pereira dos Santos)</p>
<p style="text-align: center;">17/18 de Novembro</p> <p>1ª Sessão— À espera de um milagre (1999, Frank Darabont)</p> <p>2ª Sessão— Besouro (2009, João Daniel Tikhomiroff)</p> <p>3ª Sessão—Invictus (2009, Clint Eastwood)</p>	<p style="text-align: center;">24/25 de Novembro</p> <p>1ª Sessão— Fala Tu (2003, Guilherme Cezar Coelho)</p> <p>2ª Sessão— Faroeste Caboclo (2013, René Sampaio)</p> <p>3ª Sessão— Gilberto Gil: tempo rei (1996, Andrucha Waddington, Lula Buarque de Hollanda e Breno Silveira)</p>

Fig. -15 – Cartaz de divulgação da 12ª edição Semana Afro. Arte: Professor Douglas Pinheiro (Sociologia).

8.7 A 13ª EDIÇÃO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA – 2015 (figura 16).

A 13ª edição do projeto teve como tema “Em Movimentos”, e procurou expressar os vários “movimentos” relacionados à temática negra, dentro e fora do espaço escolar. O projeto contava com o apoio de alunas do curso de Pedagogia pensando ações trilhadas entre escola e a universidade com ferramentas teóricas lidas e estudadas coletivamente (Dias *et. al.* 2017). Os encontros de estudos e descrições dos projetos escolares aconteciam algumas vezes na escola e outros na universidade, sendo orientados pela Professora Dr^a Rosimeri de Oliveira Dias e no início com a participação da Professora Dr^a Anelice Ribetto.



Fig. 16 – Cartaz de divulgação da 13ª edição da Semana Afro-brasileira. Arte: Vitor Nascimento e Cláudia Nascimento.

A proposta desta edição do Projeto Semana Afro-brasileira foi reafirmada, mostrando a necessidade de se fortalecer a presença negra no território escolar. A Professora Marilena Peluso, mentora da 1ª edição deste evento, foi homenageada (figura 17).

XIII SEMANA AFRO-BRASILEIRA
Em Movimentos
Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA REGIONAL DAS BAIXADAS LITORÂNEAS
COLÉGIO ESTADUAL CONSELHEIRO MACEDO SOARES

Diretora Geral
Juliana Gaspar Lopes

Direção Adjunta
Roberto Carlos F. Nogueira
Valéria Kubis

Coordenadora Pedagógica
Layla Baptista

Orientadora Educacional
Márcia Uchôa

Equipe Pedagógica
Elisabeth Matos
Roseny Cardoso

Produção Cultural e Supervisão do Projeto
Cláudia Nascimento

Participação
Professores de diversas áreas

Bolsistas do PIBID/Pedagogia/UERJ
Grupo Visibilidades e Resistências
Amanda de Souza
Ana Marques
Danielle Molhano
Grasiella de Paula
Taiara Marília

Agradecimentos a todos os funcionários da escola e a todos que combatem o racismo.
Arte Final: Vitor Nascimento e Cláudia Nascimento

Palestras - Oficinas - Vídeos - Exposições
Danças - Contação de Histórias - Desfiles
Teatro - Música
09, 11 e 13 de novembro de 2015
7h30min às 12h30min
Rua Dr. March nº 392 / Barreto / Niterói-RJ

FACULDADE DE PEDAGOGIA DE NITERÓI
Pibid
CICMS Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares

Fig.17 – Folder com a programação da 13ª edição (parte externa). Arte: Vitor Nascimento e Cláudia Nascimento.

<p>09/11 - 2ª feira Atividades</p> <p>1 - Abertura (7h30min / 7h55min-Auditório): Juliana Gaspar (CECMS); Roberto C. Nogueira (CECMS); Rosimeri Dias (FFP/UERJ); Cláudia Nascimento (CECMS / PIBID); Daniele Molhano (Bolsista PIBID/ Pedagogia /UERJ); Julia Palmeira (Aluna CECMS - T. 2002).</p> <p>2 - Palestras (8h / 9h10min-Auditório): Pré-vestibulares populares enquanto ações afirmativas - André Tinoco (UERJ); No caminhar do cotidiano e a justiça que nos cerca - Jamile Sepol (Coletivo Justiça Negra Luiz Gama). Mediador: Sérgio Perdigão (História).</p> <p>3 - Rap (9h30min / 9h55min-Auditório): Versejando contra o preconceito racial. Alunos: Carlos Brendo e Thayná Cardoso - T. 2001.</p> <p>4 - Músicas (10h / 10h15min-Auditório): Rap. T.802- Michele Martins (Biologia).</p> <p>5 - Teatro (10h20min / 10h45min-Auditório): Rosa Parks e Martin Luther King - T. 1002 - Simone Linhares (L. Portuguesa) e Roberto Nogueira (História).</p> <p>6 - Apresentação(10h50min/11h35min-Auditório): Cabelos Étnicos: alguns olhares - T.2001. Cláudia Nascimento(L.Portuguesa)e Alex Sousa (Matemática).</p> <p>7 - Samba na Escola (11h40min / 12h10min-Quadra): Samba no pé: Singelo menestrel (música de Dudu Nobre) - Valmir Jr. (Biologia) e Sabrina Nóbrega (aluna T. 3002 - Passista da Escola de Samba Estácio de Sá).</p> <p>8 - Capoeira(12h10min/12h40min-Quadra):Arte Negra.</p>	<p>11/11 - 4ª feira Atividades</p> <p>1 - Vídeo e Diálogo (7h30min / 8h30min - Auditório): Origem dos Orixás - Profª Joelma Ferreira (L. Estrangeira) - T. 1004.</p> <p>2 - Palestras (9h30min / 11h10min-Auditório): Ancestralidade, Arte e Saúde: narrativas da memória afro-brasileira na pedagogia griot - Adriana Holanda (UFF / FIOCRUZ).</p> <p>Um olhar sobre a mulher negra na cena carioca - Roberta Valente (Atriz e Produtora). Mediadora: Cláudia Nascimento (L. Portuguesa).</p> <p>3 - Baile Charme (11h20min / 11h 50-Quadra): Alunos de turmas diversas, orientados por Mayara Cordeiro da T. 2001.</p> <p>4 - Música-(11h50min/12h30min-Quadra)- Memórias de Agadã. Alunos de diversas turmas - orientados pelo Estamos Aqui - Pibid/Pedagogia/UERJ).</p>	<p>13/11 - 6ª feira Atividades</p> <p>1 - Vídeo e Diálogo (7h30min / 9h-Auditório): A história da Matemática - Prof. João Quintanilha (Matemática) - T. 1003.</p> <p>2 - Palestras (9h30min / 11h10min-Auditório): Comunicação em redes sociais e defesa contra o racismo - Marcos Romão (Rádio Mamaterra);</p> <p>Memória e racismo no espaço e no currículo escolar - Luis C. de Oliveira (UFF / UNIRIO).. Mediadora: Stéphanie Abreu (Sociologia).</p> <p>3 - Desfile (11h20min - 12h30min-Auditório)- Gabriel Martire (Artes). Encerramento.</p> <p>Produção Visual dos Alunos Exposições</p> <p>1 - Dados Estatísticos sobre o racismo T. 3001 - Alex Sousa (Matemática).</p> <p>2 - Quilombos-T.703 - Gumercindo S. Lessa (História).</p> <p>3 - Princesas Africanas-T.801-Marcele Tinoco(L. Portuguesa).</p> <p>4 - Roupas e Identidade-T.1001-Stéphanie Abreu (Sociologia).</p> <p>5 - Cabelos que contam histórias - T. 2001 - Cláudia Nascimento (L. Portuguesa) - Sala dos Espelhos.</p> <p>6 - Sala das Coisas - T. 3003 - Alberto Corrêa (L. Portuguesa). Sala da 3003.</p> <p>7 - Celebidades Afro-descendentes - T. 901 e 902 - Denise R. da Silva (Geografia) - Pátio.</p> <p>8 - Famílias Intergeneracionais - T. 3003 - Fábio Borges (Filosofia) - Sala da 3003.</p> <p>9 - Influências africanas na culinária brasileira - T. 3001 - Andréa Maia (L. Portuguesa).</p> <p>10 - Africanas: rainhas e guerreiras - T.2002 - Carolina Bertassoni (História) - Conexão Macedo/PIBID/Pedagogia/UERJ - Pátio.</p> <p>11 - Contos africanos - T.701 - Fabiana Rodrigues (L. Portuguesa) - Pátio.</p>
<p>Fogos</p> <p>Dia 11 de novembro</p> <p>1 - Ícones Negros: jogo da memória - T. 901.</p> <p>2 - Dicionário Vivo: vocabulário africano - T. 902. Luciana Maia (L. Portuguesa); Leticia Miranda (L. Estrangeira) e Valmir Jr. (Biologia) - 7h30min-12h30min - Pátio.</p> <p>3 - Provérbios Africanos - T. 903. Luciana Maia (L. Portuguesa)-7h30min-12h30min-Pátio.</p>	<p>Vídeos Sala Multimídia</p> <p>Orientação: Carlos Douglas Filho (Sociologia), e Expressão e Movimento-PIBID/pedagogia/UERJ -T.3002</p> <p>Dia 9 de novembro</p> <p>1 - A Negação do Brasil (2000)-7h30min-7h50min.</p> <p>2 - Vista a minha Pele(2003)-9h30min-10h. T. 3002.</p> <p>Dia 11 de novembro</p> <p>3 - Mo' Better Blues (1990)-7h30min-9h40min.</p> <p>4 - Crianças Invisíveis (2005)-9h40min-10h10min T. 3002.</p> <p>Dia 13 de novembro</p> <p>5 - Flor do deserto (2005)-7h30min-9h30min. T. 2004 - Gabriel Martire (Artes).</p> <p>6 - Abolição (1988)-9h30min-12h. - T. 3002</p> <p>7 - Pequena África (2002) - T. 3002</p>	<p>Vivências</p> <p>Estética em Movimento - Grupo Nós por Nós - e Visibilidades e Resistências - PIBID/Pedagogia/UERJ - Sala dos Espelhos. Grupo do Coco (Pátio) - Atividades direcionadas ao Fundamental e Correção de Fluxo. No horário oficial das aulas.</p>

Fig. 18 – Folder com a programação da 13ª edição (parte interna). Arte: Vitor Nascimento e Cláudia Nascimento.

O Projeto Semana Afro-brasileira se caracteriza, entre outros, pelas ocupações dos diferentes espaços do colégio, em função da diversificação das programações oferecidas que buscam sensibilizar a comunidade escolar (Fig. 19).



Figura 19 – 13ª Semana Afro-brasileira – 2015. Entrada do auditório do Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares. Os aquilombamentos se materializam nos diferentes espaços e tempos do evento. Foto: Vitor Nascimento.

Também reforçando uma das propostas do Projeto, esta edição contou as participações de dois palestrantes que são intelectuais e ativistas do Movimento Negro: o Professor Dr. Luís Cláudio de Oliveira e o Sociólogo Marcos Romão. Registrou-se também a presença da convidada Mabel Solar, Psicóloga, Pintora e ativista do Movimento Negro (figura 20).



Fig. 20– 13ª edição. Palestra com intelectuais e ativistas do Movimento Negro. Da esquerda para a direita: Luã Nascimento, Prof. MSc Vitor Nascimento, Mabel Solar (*In Memoriam*), Profº Dr. Luis Cláudio de Oliveira (Palestrante), Khaled Nascimento, Professora Cláudia Nascimento (Moderadora) e o Sociólogo Marcos Romão (Palestrante – *In Memoriam*).




GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA REGIONAL DAS BAIXADAS LITORÂNEAS

Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares

XIV SEMANA AFRO-BRASILEIRA

Reinventando os Saberes

Programação Manhã

Dia 07/11/2016 (2ª feira)

Mesa de Abertura: Auditório
Diretores e Organizadoras - 7h

* Roberto Carlos N. Fernandes (História - Diretor Geral - CECMS).
* Grasiella Paula, Mylena Provenzano, Cenira Bittencourt, Taíara Marília Nunes (Biotécnicas UERJ) - Subprojeto de Pedagogia / UERJ / FFP - PIBID / CAPES - Grupo Visibilidades e Resistências.
* Cláudia Nascimento (Letras - CECMS) - UERJ / FFP - PIBID / CAPES - Supervisora do Grupo Visibilidades e Resistências.

Turma: Professor
3002 Cláudia Nascimento (Letras)
3001 Alex Sandro (Matemática)
C.F. Fabiano de Paula (História)

7h 20min: Auditório
Palestra: Ficções Geográficas em Lima Barreto - Prof. Felipe Moura Fernandes (Doutorando em Geografia Humana - USP - CECMS).

Turma: Professor
3001 Alex Sandro (Matemática)
902 Carolina Bertassoni (História)
802 Patricia Brum (Letras)
2003 Joelma Ferreira (Letras)

8h 40min: Auditório
Linha de frente - Apresentação de RAP. Turma 3003. Atividades organizadas pelos alunos.

Intervalo: 9h30min até 9h45min | RECREIO DA ESCOLA.

9h 45min: Pátio
" - Vem Jogar Capoeira"
Professores com suas turmas.

11h 30min: Auditório
Atividades organizadas pelos alunos.

12h - Encerramento das atividades do turno.

Dia 08/11/2016 (3ª feira)

7h: Auditório
* Palestra: O protagonismo negro na história. Profª Bárbara Canedo - História - CECMS. Doutoranda em educação (UFF).

Turma: Professor
3001 Cristina Valdivia (Geografia)
3002 Carolina Bertassoni (História)

8h 40min: Auditório.
* Atividades organizadas pelos alunos.
* Exibição de vídeo.

Intervalo: 9h30min até 9h45min | RECREIO DA ESCOLA.

9h 45min: Auditório e Pátio
* Atividades organizadas pelos alunos.
* Exibição de vídeo.

10h 35min: Quadra
* Danfêle Afro - Prof. Gabriel Martire (Artes).
* Professores com suas turmas.

11h 30min: Quadra
* Homenagem aos músicos negros. Coletivo dos músicos da escola.

12h - Encerramento das atividades do turno.

Dia 11/11/2016 (6ª feira)

7h: Auditório
* Lançamento de livro: "Famílias Negras Centenárias: Memórias e Narrativas". Autor: Luis Cláudio de Oliveira.

* Palestra: Coisa de Preto: tradição africana e construção de identidade. Profª Luis Cláudio de Oliveira (Sociologia - UERJ).

Turma: Professor
1004 Raquel Zeltoune (Sociologia)
3001 Cláudia Nascimento (Letras)
C.F. Valmir Júnior (Ciências)

8h 40min: Auditório.
* Música e Poesia - Profª Alberto Pinto Corrêa (Letras). Cantores da escola.

* Intervalo: 9h30min até 9h45min | RECREIO DA ESCOLA.

9h 45min: Auditório e Pátio
* Atividades organizadas pelos alunos.
* Exibição de vídeo.

10h 35min: Pátio próximo ao refeitório.
* Música: Negros e Vozes.
* Professores com suas turmas.

11h 30min: Pátio próximo ao refeitório.
* RAP - Alunos da turma 804 - Profª Isabele Lino Carvalho (Letras).

VIDEOS
Terça-feira - Manhã
7h - Lima Barreto: um grito brasileiro. TV Escola- 30 minutos- Brasil

7h 50m - Quando o Crioulo dança? - 30 minutos- Direção: Dílma Loes.- Faixa etária: 12- anos Brasil

8h40m- O Passageiro Negro- Alemanha (1992)- 15 minutos.
Direção: Peter Dengert

Intervalo: 9h30min até 9h45min

9h45m- Danças de A - Z e Hip Hop- Cultne

10h 35m- Atividade na quadra para todos.

11h30m- Atividade na quadra para todos.

12h- Encerramento das atividades do turno.

VIDEOS
Segunda-feira - Manhã
7h - Carolina Maria de Jesus- (Parte 1)-30 min - Livro- Nação TVE(2015). Brasil / Profs. Patricia Brum e Letícia Medeiros - T. 902 e 903.

7h 50min - Carolina Maria de Jesus- (Parte 2) 30 min - Livro- Nação TVE (2015) / Profª Letícia - T. 903.

8h 40 min - Alguém falou de racismo? (parte 1) CECIP Direção Cláudia Ceccon e Daniel Caetano (2002)- Livro- Brasil / Professores: Patricia Brum, Letícia Medeiros e Valmir Júnior. T. 801, 904 e C.F.

Intervalo: 9h30min até 9h45min | RECREIO DA ESCOLA.

9h 45min- Cores e Botas- (2010) -20 minutos - Juliana Vicente

10h 35min - Vista a sua pele- Joel Zito. Tempo: 28 min. Faixa etária: 12 anos. Brasil. Professores: Valmir Júnior e Letícia Medeiros. T. C.F. e 904.

11h 30min - Alguém falou de racismo? (parte 2) CECIP Direção Cláudia Ceccon e Daniel Caetano (2002) - Livro - Brasil. Profª Letícia Medeiros. T. 904.

Exposições:
* Bonecas Negras - Profª Maria Amélia Rubim (Artes) - T. 2003 e 2004.
* Banca de Doação de Livros - Profª Fábio Borges (Filosofia) - T. 2001, 2003 e 2004.
* Cabalotes que contam histórias - Profª Cláudia Nascimento (Letras) - T. 3003.
* Estética Negra - Profª Cláudia Nascimento (Letras) e Alex Sandro dos Santos (Matemática) - T. 3002.
* Partinho da África - Profª Simone Linhares (Letras) - T. 901 e 902.

Durante o evento algumas turmas do 3º ano estarão com mesas de culinária afro. Local: pátio da escola.




Referências das Imagens

Arte: Vitor Nascimento & Cláudia Nascimento





Diretor Geral (CECMS)
Roberto Carlos Nogueira Fernandes

Diretor Adjunto (CECMS)
Paulo Rogério

Equipe Pedagógica (CECMS)
Elisabeth Matos
Layla Baptista
Márcia Uchôa
Rosery Cardoso
Cristina Mota
Cristiane da Silva

Coordenadora do Subprojeto PIBID / Pedagogia / FFP / UERJ
Rosimeri de Oliveira Dias

Produção e Organização do Projeto
Grupo Visibilidades e Resistências
Cláudia Nascimento (Supervisora PIBID / CECMS)
Grasiella Paula, Mylena Provenzano, Cenira Bittencourt, Taíara Marília Nunes

Agradecimentos
Conexão Macedo / Movimentos e Expressões / Estamos Aqui
Livraria Apolo / Cláudia Baiana / Vitor Nascimento (UFF)

A todos os professores, alunos e funcionários que se sensibilizaram com o tema

Figura 22 – Cartaz da programação da 14ª edição. Esta programação refere-se ao turno da manhã. Outros dois cartazes contemplaram as programações dos turnos da tarde e noite. Arte: Vitor Nascimento e Cláudia Nascimento.

A participação do Grupo Visibilidades e Resistências, constituído por bolsistas do Subprojeto PIBID de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PIBID/FFP/CAPES/UERJ) foi marcante na construção desta edição da Semana Afro-brasileira. O grupo participou do lançamento do livro de um dos convidados para esta edição: o Professor Dr. Luís Cláudio de Oliveira – UERJ (Figura 23).



Figura 23 – 14ª Semana Afro-brasileira – 2016. Participação do Grupo Visibilidades e Resistências no lançamento do livro “Famílias Negras Centenárias: Memórias e Narrativas” da Editora Mar de Ideias, após a palestra do autor convidado, Professor Dr. Luís Cláudio de Oliveira. Da esquerda para a direita: Professora Cláudia Nascimento (organizadora / produtora), as bolsistas Taiara Marília, Grasiella de Azevedo e Mylena Provenzano e o autor. Foto: Vitor Nascimento.

8.9 A 15ª EDIÇÃO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA – 2017 (figura 24).



Figura 24 – Cartaz de divulgação da 15ª edição. Esta foi uma edição comemorativa dos 15 anos do Projeto. Arte: Vitor Nascimento e Cláudia Nascimento.

Ao se propor “*Os Caminhos que se encontram*”, esta edição procurou analisar os diferentes caminhos trilhados pelo povo negro, diaspórico, e também fazer uma autoanálise, resgatando os caminhos trilhados pelo próprio Projeto. A programação procurou refletir de certa forma essas questões (figura 25).

EDIÇÃO COMEMORATIVA 15 ANOS

XV Semana Afro Brasileira

Caminhos que se encontram.

Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares
Grupo Visibilidades e Resistências - PIBID de Pedagogia UERJ/FFP-SG/CAPES

PROGRAMAÇÃO - DIA 06/11/2017 - 2ª FEIRA

Manhã

7h – Abertura
Direção do CECMS – Professor Roberto Carlos Nogueira
Coordenação do PIBID-PEDAGOGIA/UERJ/FFP/SG – Dra. Rosimere Dias
Supervisão do PIBID-PEDAGOGIA/UERJ/FFP/SG – Professora Cláudia Nascimento
Alunas Bolsistas da UERJ/FFP/SG – Alana Caldas, Grasiella Azeredo, Mylena Provenzano e Jéssica Tertuliano.
Alunos do CECMS –
7h30min até 8h40min – Conversas:
Marilena Paluso – Socióloga (PENESB/UFF) – Memórias sobre as Edições da Semana Afro-Brasileira do CECMS.
Drª Izolda Oliveira (PENESB/UFF) – Educação e Discriminação Racial.
7h30min às 9h – Oficina de Inglês com música: As no to racism: História de superação – Patrícia Miranda e Leticia Miranda (Inglês) – T. 2001 e 2003 (Sala de aula).
8h40min até 9h30min – Felipe Moura Fernandes (Geografia- UERJ) – Cartografia e Literatura em Lima Barreto (Sala de Vídeo) T. 1004.
9h – Jôrgal – Prof. Cecília Rios – Geografia T 802 (Auditório).
9h30min – Intervalo.
9h30min – Final do Intervalo.
9h55min – Grupo de Dança (Alunos da escola) Black Swan.
Poetas Favelados-Profª Rachel Zeitouni- T 1003
10h40min – Profª Cláudia Nascimento – Língua / Literatura – Trabalho dos alunos. Compositores – T. 3003.
8h40min às 10h40min – Prof. Alberto Corêa – James Baldwin – Sala Temática T. 3002.
10h às 12h – Oficina de Inglês com música: As no to racism: História de superação – Profª Patrícia Miranda e Leticia Miranda- (Inglês) – T. 2002 e 2004 (Sala de aula).
11h25min – Tributo aos cantores negros (música – turma: 3003).
12h15min – Encerramento com performance. Quadra.

Tarde

13h – Mida e Cabelos – Professora: Cláudia Nascimento – Língua Literária (PIBID de Pedagogia da UERJ/FFP e CECMS)
Biotécica – Atividades: Mascaras Afro-Brasileiras e stand com livros – Próximo à Biblioteca –
Geografia – Professora: Denise Ramos – Sala de Vídeo – T. 702, 703 e 803
13h50min – Contação de Histórias – (PIBID de Pedagogia da UERJ/FFP – Grupos).
14h40min – Atividades Culturais dos Alunos – Exibição de vídeos.
15h10min – Atividades Culturais dos Alunos.
15h30min – Intervalo.
15h50min – Conversas com vivências – Danças Africanas pelo Mundo
16h50min – Oficinas Étnicas.
17h10min – Encerramento com Vídeos.

Noite

Conversas
18h45min – Prof. Fábio Borges- Filosofia – A favela como questão filosófica.
19h35min às 20h25min – Atividades Culturais e Oficinas Étnicas.
20h25min às 21h15min – Exibição de Vídeo.
Encerramento.

VIDEOS

Serão exibidos nos seguintes horários:

Manhã:	Tarde:	Noite:
* 7h - 7h50min	* 13h - 13h50min	* 18h45min - 19h35min
* 7h50min - 8h40min	* 13h50min - 14h40min	* 19h35min - 20h25min
* 8h40min - 9h30min	* 14h40min - 15h30min	* 20h25min - 21h15min
* Intervalo 9h30min / 9h45min	* Intervalo 15h30min / 15h45min	
* 9h45min - 10h35min		
* 10h35min - 11h30min		
* 11h30min - 12h		

AGRADECIMENTOS

Diretor Geral (CECMS)
Roberto Carlos Nogueira Fernandes
Diretores Adjuntos (CECMS)
Aline Champloni e Paulo Rogério Silva
Orientadora Educacional (CECMS)
Márcia Uchôa
Coordenadora do Subprojeto PIBID de Pedagogia da UERJ/FFP/CAPES
Rosimere Dias
Elisabeth Mattos e Equipe Pedagógica do CECMS
Professores responsáveis pelas atividades
Alunos, funcionários e comunidade escolar
Aos grupos do PIBID de Pedagogia da UERJ/FFP/CAPES
Cláudia Balana - Livraria Apolo
Vitor Nascimento - Departamento de Ciências Exatas, Biológicas e da Terra (UFF)
PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO PROJETO
Bolsistas do Grupo Visibilidades e Resistências do PIBID de Pedagogia da UERJ/FFP/CAPES
Grasiella Azeredo - Mylena Provenzano - Alana Caldas - Jéssica Tertuliano
Supervisora do Grupo Visibilidades e Resistências (CECMS)
Cláudia Nascimento

Referências das imagens

Figura 25 – Cartaz da programação da 15ª edição. Arte: Vitor Nascimento e Cláudia Nascimento.

8.10 A 16ª EDIÇÃO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA – 2018 (figura. 26).

COLÉGIO ESTADUAL CONSELHEIRO MACEDO SOARES
XVI Semana Afro-brasileira
Reafirmando nossas Rodas

Arte:
 *Vitor Nascimento (INFES / UFF)
 *Cláudia Nascimento (CECMS / UFF)

Lei 7.716/89 (Lei Caó): Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia,

Rodas de Conversas e Rodas Culturais
 Dias 05 e 06 de novembro de 2018 (2ª e 3ª feira)
 Horários: 07h às 12h -1ºTurno / 13h às 18h -2ºTurno 18h40min às 21h40min - 3ºTurno
 Endereço: Rua Dr. March, 392 - Barreto - Niterói - RJ
 Coordenação: *Cláudia Nascimento (CECMS / UFF)
 Participação: *Professores e estudantes comprometidos com o tema.

Referências das imagens

Figura 26 – Cartaz de divulgação da 16ª edição. Arte: Vitor Nascimento e Cláudia Nascimento.

Com o título “Reafirmando nossas Rodas”, esta edição (Fig. 26) trouxe ao território escolar as variadas formas de estruturação do povo negro nos diferentes espaços, e especificamente as geometrias circulares (as “rodas”) e em diferentes temporalidades.

Mesclou práticas e atividades individuais e coletivas, culturais, inclusive religiosas, que muitas vezes não são percebidas como características da cultura negra.

Para este evento não foi confeccionado um folder para a programação, no entanto, os professores foram informados sobre a mesma através de rede social, e para os dias do evento foram impressas as respectivas programações e fixadas em diferentes espaços do colégio.

8.11 A 17ª EDIÇÃO DA SEMANA AFRO-BRASILEIRA – 2019 (figura 27).

Esta edição foi caracterizada pela grande participação dos professores que realizam o Projeto e que opinaram sobre os conteúdos das atividades propostas e também na arte final do cartaz de divulgação.

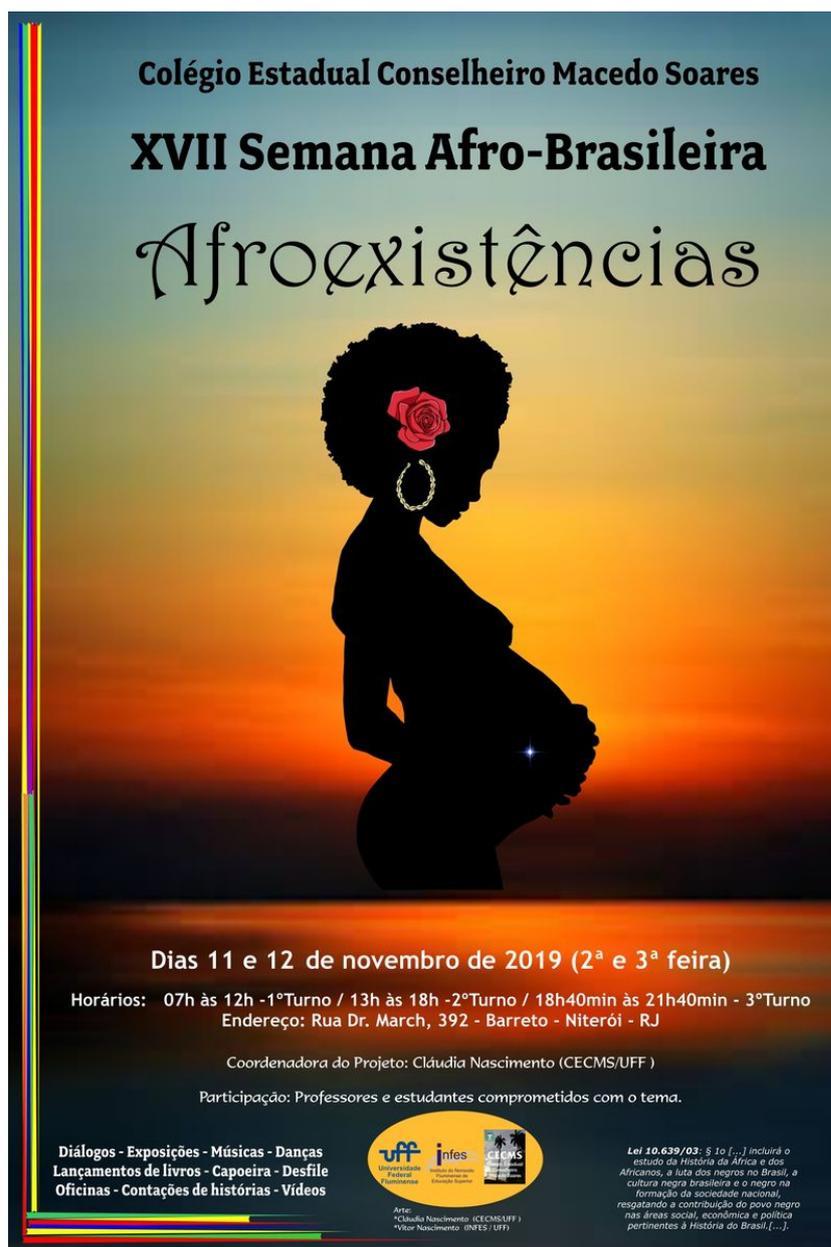


Figura 27 – Cartaz de divulgação da 17ª Semana Afro-brasileira. Arte: Vitor Nascimento e Cláudia Nascimento.

O título “Afroexistências” remete à reafirmação da existência negra, enfim, dos seus valores civilizatórios. Na programação do evento reforçaram-se os objetivos do Projeto, e foram inseridas falas de intelectuais ativistas do Movimento Negro: Marcos Romão e Beatriz Nascimento. (figura. 28).

<p>Vivências</p> <p>* Arte e Resistência – Alberto Pereira e João Motta. (artistas)- 2ªfª pela manhã / Profª Raquel Zeitoune. T.3002. * Instrumentos musicais de materiais recicláveis- Simone Linhares (CECMS- Língua Portuguesa)- 3ªfª * Pertencimento- alunas da 903 e convidadas- CECMS. 3ªfª * Danças- Convidados e alunos de diversas turmas- CECMS * Por uma estética afro- Pamella Rafaella e Vanessa Vieira. 3ªfª * Som e Periferia- Jéssica Tertuliano e Célia Pereira / Pedagogia (UERJ- FFP). 3ªfª * Leituras – T.1001 / Profª Gisele de Oliveira (Língua Portuguesa) / Profº Felipe Fernandes (Geografia)- 3ªfª *****</p> <p>A Semana Afro-brasileira é um projeto que discute as relações étnico-raciais na escola e na sociedade brasileira. Tal proposta, que surgiu no final dos anos 80, no bojo dos diálogos sobre o negro no Brasil entre intelectuais e ativistas, vem se atualizando a cada edição.</p> <p>Assim, o Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares tornou-se referência na afirmação de um trabalho coletivo quanto às questões que envolvem os povos negros no país e no mundo, com atividades que promovem o antirracismo. Em 2018 a escola foi vencedora do prêmio CEDINE-RJ (Conselho Estadual dos Direitos do Negro) e recebeu homenagens diversas por esse projeto.</p> <p><i>“O racismo amigável é o que mais mata”</i> (Marcos Romão)</p> <p><i>“A história do Brasil foi omissa, e na parte que não foi omissa, negligencia fatos importantes e deforma muito a história do negro”</i> (Beatriz Nascimento)</p> <p>Lei 10.639/03: § 1º [...] incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.[...].</p>	 <p>Diretora Geral Joséli Ramos Pontes</p> <p>Direção Adjunta Aline Champloni Paulo Rogério dos Santos</p> <p>Orientadora Educacional Márcia Uchôa</p> <p>Coordenação Pedagógica Hilda Medeiros</p> <p>Coordenadora do Projeto XVII Semana Afro-brasileira Cláudia Nascimento</p> <p>Participação Professores, estudantes e funcionários comprometidos com o tema.</p> <p>Apoio Grêmio Estudantil</p> <p><i>Arte:</i> Cláudia Nascimento (CECMS / IACS/ UFF) Vitor Nascimento (INFES / UFF)</p>	<p>Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares</p> <p>XVII Semana Afro-Brasileira</p> <p>Afroexistências</p>  <p>Dias 11 e 12 de novembro de 2019 (2ª e 3ª feira)</p> <p>Diálogos - Exposições - Músicas - Danças Lançamentos de livros - Capoeira - Desfile Oficinas - Contações de histórias - Vídeos</p> <p>Horários: 07h às 12h - 1º Turno / 13h às 18h - 2º Turno / 18h40min às 21h40min - 3º Turno Endereço: Rua Dr. March, 392 - Barreto Niterói - RJ</p> <p>uff Universidade Federal Fluminense infes Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior CECMS Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares</p>
---	---	---

Figura 28 – Folder da programação da 17ª edição (parte externa). Arte: Vitor Nascimento e Cláudia Nascimento.

11/11 - 2ª feira Atividades	12/11 - 3ª feira Atividades	Vídeos Sala Multinídia														
<p>Manhã 7 horas- Auditório / Abertura 7h15m até 8h40m: Roda de Conversas 1: Africanidades e reexistências em Lima Barreto. Felipe Fernandes (Profº Geografia) / Teatro Preto e resistência estética. Cátia Costa (Profª e atriz - UNIRIO). 8h40m até 9h30min: 22ºRecital Literário e Musical- Professora: Cláudia Nascimento- L.Portuguesa (CECMS-turma 3003) 9h30m Intervalo 9h50m até 10h40m- Roda de Conversas 2: Relatos de Experiências: Discriminações e Mídias Sociais- Vitória Silva. 10h40m até 11h15m-Sobre ser Modelo-Beatriz Menezes 11h15m até 12h-Grupo de dança da escola Capoeira Arte Negra (Mestre Liu) 12h 15- Encerramento - Almoço</p> <p>Tarde 13horas Curta Video (10 minutos) 13h10m até 14h40m Roda de Conversa 1: Símbolos da Negritude - Ludmila Gonçalves (Geografia) e Acácia Pereira(História). Coletivo Cláudia Silva. UERJ-FFP 14h40m até 15h20m Apresentação de alunos do fundamental 2 / Vídeos 15h30m- Intervalo 15h50m até 17h30m Conversa 2: Sobre autoestima e relações étnico raciais Renata Francis-Especialista em Educação Infantil (PUC) e Joana Oscar - Doutoranda em Educação (UFRJ) 17h 40m até 18h15m Grupo de Dança da escola Capoeira Arte Negra- Mestre Liu</p> <p>Noite 18h15m Jantar 18h30m Curta video-(10 minutos) 19h- até 20h30m Conversa 1 Compreendendo os conceitos para construir resistência ao racismo Profº/ Geógrafo André Tinoco (UERJ-FFP) Memórias e reexistências-Cláudia Nascimento (CECMS-UFF), 20h30m até 21h30m - Capoeira Arte Negra- Mestre Liu 21h40m Encerramento.</p>	<p>Manhã 7h até 7h15-Curta Video (10 minutos) 7h20m até 8h40m Conversa 1 Filmes e diálogos sobre Memórias- Atividades interativas. 8h30m até 9h30m Apresentação de alunos da turma 3001 Profª Cristina Valdivia (Geografia) / Personalidades Negras nos Continentes - Profº Fábio Borges (Filosofia) Pátio / A Opinião de Zé Ketí e João do Vale - T.2003. Prof.º Alberto Correia (Língua Portuguesa). Sala de aula. 9h30 até 9h50m- Recreio Quadra: Fortalecendo estéticas. Desfile -(Alunos de diversas turmas do CECMS) 10h40m até 11h25m - Apresentações de alunos (Quadra) 11h25m até 12h - Capoeira Arte Negra- Mestre Liu (Quadra) 12h 15m Encerramento- Almoço</p> <p>Tarde 13h até 13h10m Curta video-(10 minutos) 13h15m até 14h40m Conversa 1 Sobre autoestima- Thais Ohana - Design de modas. (Estácio) e Educação e Resistências -Aline Buonomoni-Assistente Social (UFF). 14h40m até 15h20m- Apresentação de alunos. 15h20m Intervalo 15h50m até 17h30m Conversa 2 Jovem Mulher Negra- Ana Luiza S. Oliveira (IFRJ) / Narrativas - Júlia Cisar. 17h40m até 18h15m - Capoeira Arte Negra- Mestre Liu</p> <p>Noite 18h15min Jantar 18h40min Curta video (15min) 19h até 20h30min Conversa 1 Professora Josiane Peçanha- Educação Antirracista Mestre em História - (UERJ) / Rosane Romão Psicóloga (UFF) Sobre Marcos Romão. 20h30min até 21h . Imagens com homenagens- Vídeos 21h- até 21h30min . Capoeira Arte Negra-Mestre Liu 21h40min. Encerramento da XVII Edição da Semana Afro-Brasileira.</p>	<table border="1"> <thead> <tr> <th>Manhã</th> <th>Tarde</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Das 7h até 8h40min</td> <td>De 13h até 14h40min</td> </tr> <tr> <td>8h40min até 9h30min</td> <td>14h40min até 15h20min</td> </tr> <tr> <td>9h30min - Intervalo</td> <td>15h20min - Intervalo</td> </tr> <tr> <td>9h50min - 11h30min</td> <td>Recreio</td> </tr> <tr> <td>12h - Encerramento</td> <td>15h50min - 17h30min</td> </tr> <tr> <td>12h15min - Almoço</td> <td>18h - Encerramento</td> </tr> </tbody> </table> <p>Noite:Conforme a programação do turno.</p> <p>Produção Visual dos Alunos Exposições</p> <ul style="list-style-type: none"> *Genocídio do Povos Negros - T.704 e T.201 / Profª Luciana do Amaral (História) *Bandeiras dos Países Africanos - T.801/ Gumercindo Lessa (Geografia) *Máscaras Africanas - T.802 / Profª Patrícia Brum (L. Portuguesa) *Negros no Esporte - T.905/Profª Aydes Monteiro (Ed. Física) *Conquistas Negras -T.1003 / Profª Andreia de Araújo (Matemática) *Músicas de Resistências - T.2001 / Profª Carolina dos Santos (História) / Profª Ângela Natori (Física) *Etnomatemática - T.3002 / Profº Alex dos Santos (Matemática) *Cabelos - T.903 / Profª Cláudia Nascimento (L. Portuguesa) *Vozes Coloridas-NEJA IV-01/Profª Alzira Silva (L. Portuguesa) *Escritores da Literatura Afro-brasileira - T.3003 / Profª Cláudia Nascimento (L. Portuguesa) *Toni Morrison - Releituras - NEJA III-01 / Profª Cristina Nogueira (L. Portuguesa) *Interações com o filme Mãos Talentosas-Fundamental- Prof. Mário Teixeira *História do Hip Hop - T.1005 / Marcelle Tinoco (L. Portuguesa). *Leituras - T.1001 / Profª Gisele de Oliveira (Língua Portuguesa) / Profº Felipe Fernandes (Geografia) *Dados Estatísticos Sócio-culturais -T.804 - Igor Pinheiro (Matemática) e Roberto Nogueira (História) *Africanas - T.703 - Profª Elisabeth (Ciências) *Receitas Africanas-T.704 - Profª Cecília Rios (Geografia) 	Manhã	Tarde	Das 7h até 8h40min	De 13h até 14h40min	8h40min até 9h30min	14h40min até 15h20min	9h30min - Intervalo	15h20min - Intervalo	9h50min - 11h30min	Recreio	12h - Encerramento	15h50min - 17h30min	12h15min - Almoço	18h - Encerramento
Manhã	Tarde															
Das 7h até 8h40min	De 13h até 14h40min															
8h40min até 9h30min	14h40min até 15h20min															
9h30min - Intervalo	15h20min - Intervalo															
9h50min - 11h30min	Recreio															
12h - Encerramento	15h50min - 17h30min															
12h15min - Almoço	18h - Encerramento															

Figura 29 – Folder da programação da 17ª edição (parte interna). Arte: Vitor Nascimento e Cláudia Nascimento.

9 PRODUÇÕES DOS DISCENTES PARTICIPANTES DO PROJETO SEMANA AFRO-BRASILEIRA

É importante ressaltar que as participações dos alunos nas edições da Semana Afro-brasileira se expressam de formas variadas, as quais, muitas vezes estão associadas às participações e estímulos dos professores comprometidos com a realização do evento, conforme os exemplos das figuras 30, 31 e 32.

As edições do Projeto Semana Afro-brasileira se constituem em “janelas” através das quais os alunos podem projetar seus talentos e materializá-los no território escolar. Algumas vezes utilizam as artes para expressarem visões críticas do mundo em que vivem, como no caso da figura 30, que ilustra através da confecção de pipas, as “ausências” de figuras importantes para a cultura negra, como Zumbi dos Palmares e Marielle Franco.



Figura 30 – 17ª edição (2017). Produção dos alunos. Pipas com os rostos de personalidades ligadas à cultura negra, entre elas Zumbi dos Palmares e a Vereadora Marielle Franco. Autor: Davi Gabriel. Professora orientadora Leila Moura (História).

As atividades desenvolvidas durante o Projeto demonstram a possibilidade de juntar propostas, marcando o caráter multidisciplinar como o trabalho de Matemática. Tais trabalhos, como o da figura 31, comprovam a importância da descolonização do currículo trazendo conhecimentos tantas vezes negados dentro dos espaços educacionais.



Figura 31 –17ª edição (2017). Produção de um grupo de alunos do 3º ano do Ensino Médio, orientados pelo Professor Alex Sandro Souza (Matemática).

As abordagens de temas que são normalmente invisibilizados no território escolar, a exemplo dos aspectos religiosos da cultura afro-brasileira, se constituem em pontos fundamentais e característicos das edições da Semana Afro-brasileira.

A figura 32 ilustra como exemplo acima descrito, um trabalho desenvolvido por alunos e orientado pela Professora de Artes.



Figura 32 –11ª edição (2013). Produção de um grupo de alunos do Ensino Fundamental, orientados pela Professora Marília (Artes). Foto: Vitor Nascimento.

10 ALGUMAS ATIVIDADES REALIZADAS ANTES E DURANTE O PROJETO SEMANA AFRO-BRASILEIRA

Entre as várias atividades que precedem a Semana Afro-brasileira estão os encontros entre os organizadores e realizadores de atividades. A figura 33 mostra um desses momentos onde participaram professores e o Grupo Visibilidades e Resistências que atuava no colégio.



Figura 33 –17ª edição (2017). Reunião pré-projeto de elaboração de atividades com a participação da professora de Artes Amélia (*In memoriam*).

A figura 34 ilustra uma atividade realizada por alunos e orientada por um professor de Filosofia do colégio. Trata-se de uma banca de doação de livros.



Figura 34 –14ª edição (2016). Banca de doação de livros no pátio do Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares. Atividade organizada pelo Professor Fábio Borges (Filosofia). Foto: Vitor Nascimento.

Atividades musicais, nas quais os alunos são estimulados a expressarem seus talentos, são marcas registradas de todas as edições do evento. A figura 35 apresenta uma dessas atividades.

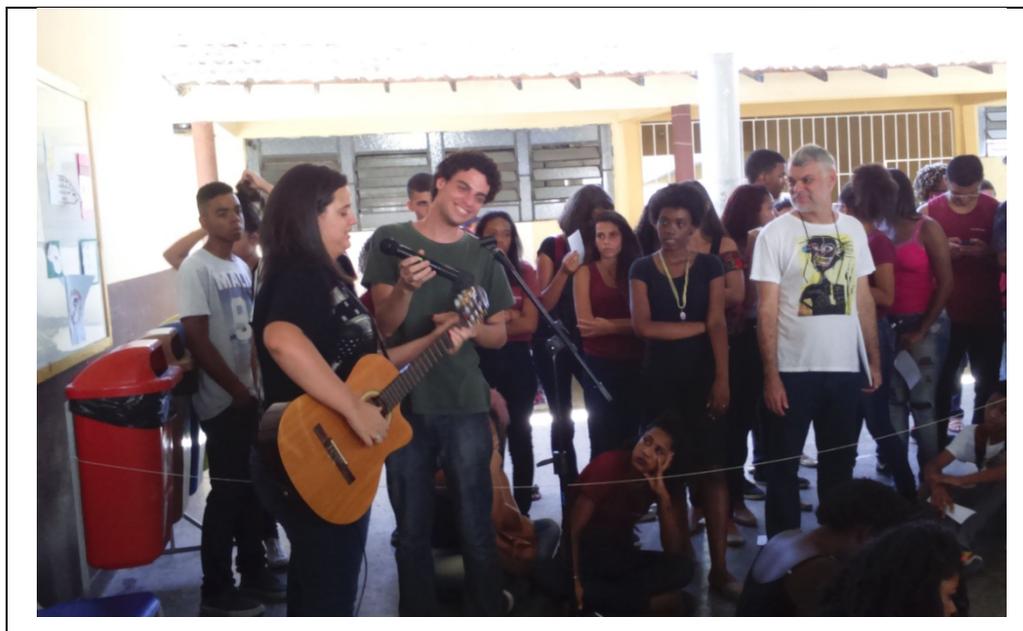


Figura 35 –14ª edição (2016). Atividade organizada pelo Professor Alberto Pinto (Língua Portuguesa). Foto: Vitor Nascimento.

A atividade de Sarau teve grande relevância, pois contou com as participações de escritores, principalmente do município de Niterói ou dos municípios vizinhos, e contemplou tanto o turno da tarde quanto o da noite, normalmente carentes das mais diversas atividades, principalmente o último (Fig. 36).



Figura 36 –16ª edição (2018). Sarau com as participações das escritoras e escritores (da esquerda para a direita): Kurt Helmut, Cláudia Nascimento, Júlio Emílio Braz, Sol de Paula e Aline Buonomono. Foto: Kurt Helmut.

É importante se destacar algumas das atividades que “estremecem” o chão da escola, como as que trabalham com a estética e as questões corporais, já sinalizadas por Fanon (2008). A figura 37 ilustra participação de uma das convidadas do evento, a Trancista Vanessa Vieira, que trabalhou os cabelos durante o evento.



Figura 37 –1ª edição (201). A convidada Vanessa Vieira desenvolvendo a atividade de trançar os cabelos. Foto: Vitor Nascimento.

As participações das integrantes do Grupo Visibilidades e Resistências não se limitaram à organização do evento, mas, também contribuíram com seus conhecimentos, como no caso da figura 38 onde a bolsista Taiara Nunes apresentou um trabalho sobre o sincretismo religioso nas obras de Jorge Amado para o turno da noite.



Figura 38 – 16ª edição (2018). Palestra para o turno da noite sobre o sincretismo religioso nas obras de Jorge Amado. Grupo Visibilidades e Resistências, do Subprojeto de Pedagogia PIBID da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Foto: Vitor Nascimento.

11 O DESFILE

O desfile é uma atividade integrada ao projeto Semana Afro-Brasileira como proposta de fortalecimento de uma estética negra/preta. E todos os alunos podem se inscrever, contudo a proposta precisa ser explicada (e justificada) em todos os anos de sua realização.

Para essa atividade, existe um preparo e sensibilizações associadas aos cabelos, postura corporal e acessórios, buscando-se um trabalho de pertencimento e reconhecimento dos corpos negros na escola (figura 39). As inúmeras sensações tais como medos e inseguranças são reforçados no espaço da escola, incentivando naquilo que se chama “altivez” em corpos jovens entrelaçados em suas narrativas tão distantes e ao mesmo tempo próximas umas das outras.

As frases de Franz Fanon são aqui empregadas como modos de se tratar os conflitos referentes às construções do corpo negro e do belo, isto é, o negro/preto que é negado em relação ao padrão de beleza europeu. Segundo Fanon (2008, p. 107): “Mas, atenção, pois quem saberá me dizer o que é a beleza?” Em seguida o autor discorre sobre o esquema corporal do negro e suas dificuldades (FANON, 2008, p. 104):

“No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas”.



Figura 39 – Desfile da 17ª Semana Afro-brasileira. Pátio do Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares. Foto: Professor Alex Sandro dos Santos.

12 DEPOIMENTOS

12.1 - OS DEPOIMENTOS DE ALUNOS DESTACAM ALGUNS DOS EFEITOS DA REALIZAÇÃO DO DESFILE:

“Esse foi um dos dias mais felizes, de minha vida, na hora do desfile, eu pude deixar meu corpo solto”. (Aluno do Ensino Médio- 2019).

“No começo, fiquei com medo, mas depois, nem acreditei nos aplausos, meu corpo sorria junto com meus passos”. (Aluna do Ensino Fundamental- 2016).

“Eu fiquei muito feliz, me senti linda.” (Aluna do Ensino Médio 2015).

“Eu adoro esse projeto, eu fico aguardando o meu dia”. (Aluna do Ensino Fundamental- 2010).

12.2 OUTROS DEPOIMENTOS

Ao tratar-se dos modos de intervir nos espaços para os eventos que constituem a Semana Afro-Brasileira apresentam-se alguns depoimentos de bolsistas do Subprojeto PIBID de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ e de professores participantes.

Depoimento 1

“O coletivo Visibilidades e Resistências que eu fiz parte no período de mais ou menos três anos, o grupo trabalhava com jovens sobre temas não muito discutidos em sala de aula como a juventude negra como as questões religiosas, as representatividades religiosas e não apenas de respeito, trabalhávamos a representatividade o que cada religião queria dizer para tentar desmitificar um pouco dos preconceitos que as pessoas tinham, não apenas com religiões afro-brasileiras, mas também o Islam, uma temática da representatividade da mulher, nessa religião tal negligenciada com tantos estereótipos, então nosso trabalho foi feito durante muito tempo dessa forma, nós pegávamos temas pouco discutidos em sala de aula, temas negligenciado pela própria escola e trazíamos a luz do problema, e problematizávamos um pouco esses temas para os jovens.

O coletivo Visibilidades e Resistências foi supervisionado pela professora Cláudia Nascimento, uma pessoa que me ensinou muito, não apenas para mim, mas para nossos colegas de trabalho como foi importante esse diálogo com a juventude. E como a juventude é capaz de compreender também esse diálogo. Afinal, a escola está aqui para proporcionar de tudo aos jovens, inclusive escola pública para que eles tenham direito e acesso a uma educação de qualidade, aos temas que provavelmente no cotidiano não seriam discutidos com eles. Foi um coletivo muito importante para mim, inclusive por ser uma profissional que busca qualidade de ensino para os meus alunos.

Bolsista 1

Nesse percurso, vale lembrar que o Coletivo Visibilidades e Resistências apresentava o movimento de trocas de bolsistas, assim várias delas passaram pela experiência da

construção coletiva do projeto dentro da escola que contava com a participação de outros grupos formados dentro do Projeto.

A discussão que acompanha toda essa monografia é a de se entender como o projeto Semana Afro-brasileira tem contribuído para uma possível descolonização do currículo como valorização de outras falas, visto que tais ações são equivalentes aos vários trabalhos existentes em outras unidades escolares. Sodré (2014) aponta algumas reflexões relativas aos currículos escolares:

Os currículos escolares são geralmente absurdos: um sem-fim de matérias que o estudante esquece tão logo ultrapassa as barreiras de acesso ao ensino superior. Todo esse absurdo destina-se a preparar o jovem para a competição do teste. O conhecimento acaba definindo-se pela capacidade de passar no teste. Aí não se avalia realmente o saber, mas a competitividade do indivíduo, como se estivesse no mercado.

Ao mesmo tempo, tais conversas repercutem com a presença de grupos satisfeitos com o fato de se ter a leveza dos usos das simbologias que permeiam os produtos culturais espalhados pelos principais espaços da escola. Surgem situações variadas nas etapas de realização, situando o Projeto em movimentos preparados pelos que tentam inviabilizar o sucesso de suas atividades. É do diário de campo que a narrativa seguinte refaz uma teia tão presente nos dias atuais.

Essa situação se passou na edição de 2015, em que um homem se intitulando pastor, entrou no evento sem se identificar oficialmente e ao ser indagado pelo Diretor e professores, sobretudo quanto a sua permanência no território da escola sem o comunicado aos diretores respondeu: “Estou aqui por ter sido convidado por alguém para ver os trabalhos que estão sendo elaborados nesse congresso”, e terminou dizendo: “Fui convidado por algumas pessoas da escola”. (Desconhecido “pastor”).

No pátio acontecia uma exposição de livros e uma mesa de um trabalho artístico apresentado em um ano anterior e recuperado por professores foi exposto novamente. Reconstituindo dessa forma, uma mesa com ornamentos da mitologia africana reorganizada de modo exemplar, naquele momento sendo alvo de um olhar eurocêntrico e sem amorosidade.

Esse registro destaca o quanto o conhecimento de uma das funções da Semana Afro em que se articulam linguagens simbólicas afetam o local, ressaltando os preconceitos refletidos na escola. Nesse caso, tudo isso se materializa em minutos naquele homem que atravessa o projeto como para tentar conter uma festa que resiste ao tempo e ao espaço.

Os comentários quanto a esse fato não desestimularam a continuidade da Semana Afro-Brasileira, mas serviu para observar o quanto dos resquícios da vigilância de ditaduras cercam um trabalho ainda que amparado pela Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003). Essa continuidade sendo característica do Projeto em questão iniciado no século 20 conduz ao continuum conforme Nascimento (2018, p. 34):

O *continuum* [...] pode ser compreendido como um aspecto característico de longa duração na história da organização social negra no Brasil estabelecida de forma coletiva e comunitária. Sendo assim, o quilombo não termina no século XIX, porém sobrevive e influencia a história negra no século XX.

O relato de uma bolsista participante do PIBID/ UERJ. A estudante em questão ao mesmo tempo participa do evento e registra um olhar de quem está de fora do mesmo. Nesse sentindo, ela descreve alguns campos de tensionamentos que refletem os deslocamentos do poder tal como afirma Foucault (1985, p.183):

[...] não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede.

Depoimento 2

A narrativa de uma bolsista

Durante a experiência que me foi proporcionada pela professora Cláudia, pude observar o ambiente escolar como esse lugar de construção, tanto na afirmação da cultura afro-brasileira quanto no poder transformador do docente com os indivíduos lá inseridos. Observei e participei do trabalho dessa mulher potente, ativista do movimento negro, professora de Português e Literatura, que durante mais de quinze anos está à frente de projetos de afirmação da cultura afro-brasileira no Macedo Soares, dando ênfase ao protagonismo do negro na escola, trazendo: autores negros para o espaço escolar, aspectos de sua cultura e valorizando da beleza do homem e da mulher negra.

Entretanto, esse processo não é fácil, durante o tempo em que acompanhei percebi alguns casos de resistência. Um bem marcante, aconteceu quando estava, junto ao grupo de iniciação à docência, fazendo o fechamento de uma das edições do projeto Semana Afro-

brasileira, no auditório, nesta ocasião, Cláudia conseguiu uma parceria para distribuir acarajés e bolinhos de estudante (comidas típicas afro-brasileiras), um estudante jogou o alimento no chão, alegando que era comida proveniente de religião de matriz africana, dando, a seguir, um substantivo pejorativo ao alimento, sem saber que o acarajé é um alimento de origem africana, trazida para o Brasil pelos negros escravizados, utilizado também, não somente, como oferenda no candomblé e o bolinho de estudante é encontrado geralmente nos estabelecimentos que produzem acarajé, é uma iguaria típica da culinária baiana, feita com tapioca, coco ralado, açúcar e canela. Portanto, considero este, um exemplo da marginalização que a cultura afro-brasileira é submetida todos os dias, forte indício da falta de informação que constitui todo preconceito, além de intolerância religiosa. Justamente pelo negro e sua cultura conviverem diariamente com episódios de depreciação como este, que o evento traz muitos aspectos da cultura afro-brasileira para reflexão e conversa. O evento oferece muita informação para o reconhecimento da cultura negra, com seus autores e atores, artistas e arte, tendo como maior desafio, desconstruir prejudgamentos desse tipo, que foram construídos desde que os negros foram trazidos para o trabalho forçado, a escravidão.

Observei nesse período em que estive presente e pelos relatos algumas pessoas, uma transformação dos indivíduos daquela instituição, que puderam ser percebidos fisicamente, com os cabelos crespos e cacheados tomando o lugar dos cabelos com alisamento químico, ou seja, o reconhecimento de que a aparência natural do negro é valorizada e se tornou instintiva naquele espaço, esse processo é contínuo e só acontece enquanto houver trabalho insistente.

Naquela época, como parte da minha formação docente, dos 18 aos 21 anos de idade, ter a oportunidade de participar ativamente de movimentos como esse foi transformador, e refletiu tanto na minha construção como educadora quanto na minha vida pessoal. Sou grata pelo que me tornei, por ter sido transformada em tantos aspectos, por entender sobre alteridade e sensibilidade.

Bolsista 2

Depoimento 3

A narrativa de um professor participante:

O racismo hierarquiza pessoas através de seu corpo (pele, cheiro, cabelo, entre outras características) e institui uma inferioridade social. E mesmo que os direitos civis tenham avançado em relação a algumas questões, o racismo e suas práticas ainda estão presentes na cabeça da maioria das pessoas. O racismo mata objetivamente e subjetivamente muitas pessoas no Brasil e no mundo e enquanto as práticas racistas existirem precisamos lutar contra. Nesses termos, a realização de uma Semana Afro em uma Escola Estadual (Macedo Soares) é de uma importância enorme, visto o projeto estatal de precarização da escola e de proletarização do professor que tenta tirar de nós qualquer gota de sobrevivência intelectual e política para nos transformar em meros reprodutores de conteúdo. Desta forma, a fazedura desse evento sob a coordenação da Professora Cláudia é sublime, pois coloca em questão todas as práticas racistas e institui a importância de pensarmos e repensarmos a importância das Áfricas na constituição do que somos como pessoas e como brasileiros. Como pessoa e como professor participo da semana desde que entrei na escola (2015) e continuarei participando e conduzindo meus alunos aos temas propostos pela semana. Repetirei até o fim, a África não é um país. Obrigado Cláudia! Que esse ilê permaneça na escola, em mim e em você!

Felipe Moura (docente do Ensino Médio)

Depoimento 4

A narrativa de um aluno participante do desfile.

“Adoro quando tem a Semana Afro aqui na escola, porque posso juntar todas as minhas amigas que usam o mesmo cabelo como o meu.

13 QUESTIONÁRIOS

13.1 RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS

Foram aplicados questionários, respondidos por 20 professores do Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares, onde ocorre anualmente o Projeto Semana Afro-brasileira. O objetivo foi o de conhecer o perfil dos professores envolvidos direta ou indiretamente com o Projeto, e suas formas de se relacionarem com o mesmo.

Do quantitativo total de professores que responderam aos questionários, 13 deles (75%) declararam conhecerem muito bem o Projeto, e não têm nada a acrescentar ou mudar, enquanto os outros 7 professores (35%) declararam conhecerem pouco, e nenhum assinalou as opções “*não conheço*” e “*não tenho interesse por este projeto*” (figura 40).



Fig. 40 – Grau de conhecimento acerca do Projeto.

Quanto ao grau de envolvimento dos professores com o Projeto, 10 deles (50%) desenvolvem atividades nas Semanas Afro-brasileiras, enquanto 9 (45%) apenas assistem a algumas e 1 (5%) declarou que não teve oportunidade de desenvolver atividades e ninguém assinalou a opção “não me interesse em desenvolver atividades” (figura 41).

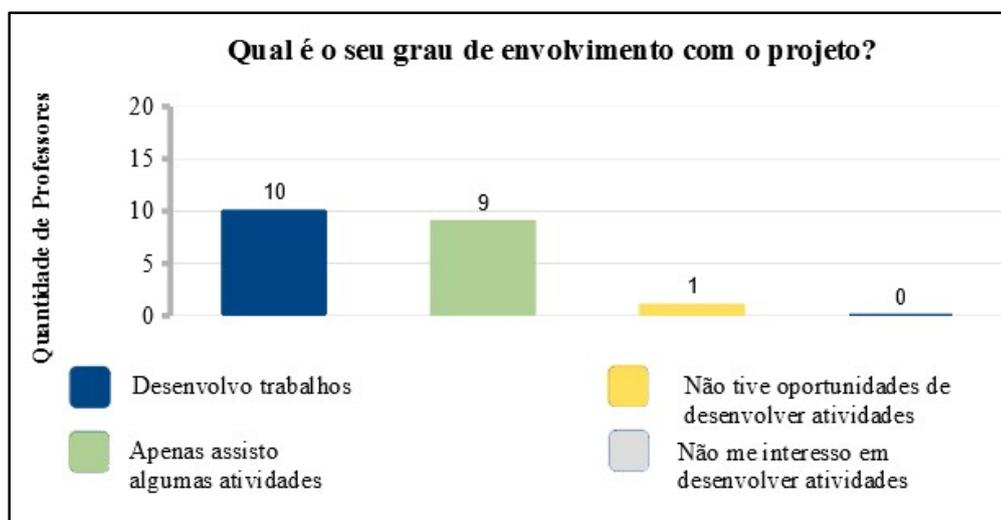


Fig. 41 – Grau de envolvimento com o Projeto.

Sobre o que poderia ser acrescentado ou mudado no Projeto, 14 professores (70%) declararam que deveria ter mais atividades sobre relações étnicas na escola e na sociedade brasileira, 5 professores (25%) disseram que não há nada a acrescentar ou mudar, pois o formato atual do Projeto está bom. Um professor assinalou que deveria ter menos atividades sobre relações étnicas na escola e na sociedade brasileira. Ninguém assinalou que o projeto “não deveria mais acontecer na escola” (figura 42).

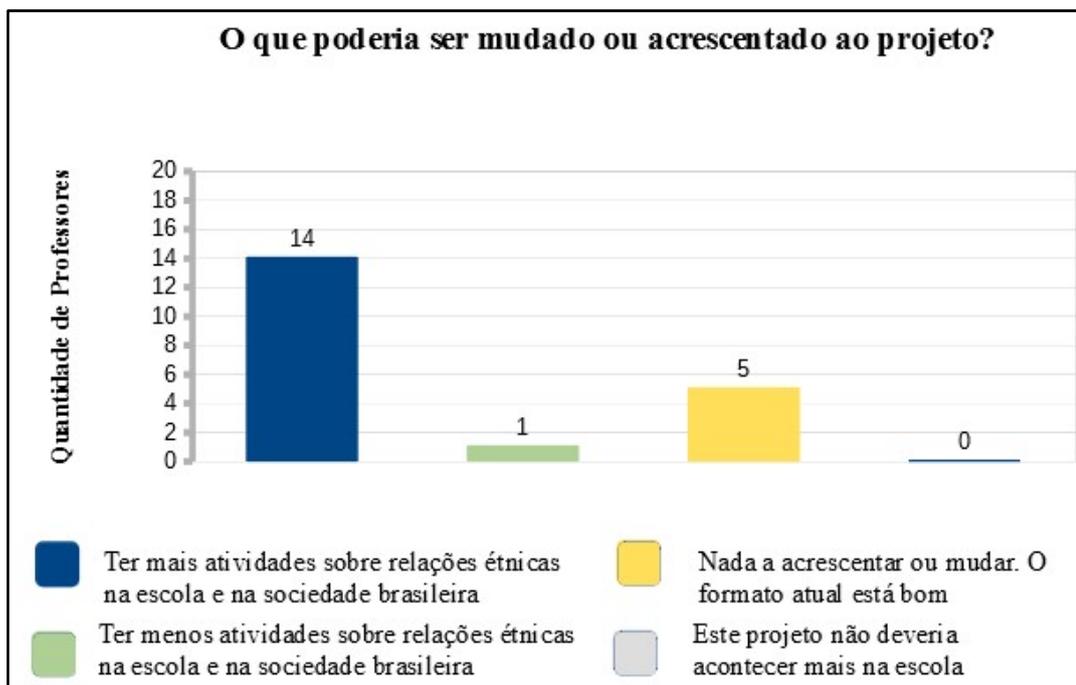


Fig. 42 – Sugestões de mudanças no Projeto.

Entre os 20 professores, 16 (80%) acham que o Projeto deveria envolver “mais professores, toda a comunidade escolar e convidados de fora”, enquanto 3 deles (15%) consideram que mais ninguém deveria ser envolvido, pois o formato atual está bom. Apenas um professor (5%) declarou que o Projeto deveria envolver apenas mais professores. Ninguém assinalou a opção de que “não deveria haver estímulos a envolvimento neste Projeto” (figura 43).



Fig. 43 – Sobre a participação de outras pessoas.

14 DISCUSSÕES ACERCA DOS RESULTADOS

14.1 QUESTIONÁRIOS

Apesar disso, algumas questões precisam ser consideradas antes da discussão dos resultados obtidos.

Dos professores que responderam aos questionários, alguns já participam do evento há várias edições, enquanto outros têm participações mais recentes. As três últimas edições da Semana Afro-brasileira apresentaram características distintas das outras: a inserção do Desfile Afro e o fato do evento abranger os três turnos de funcionamento do colégio, mobilizando dessa forma toda a comunidade escolar. Uma análise institucional simples e objetiva mostra que de acordo com as políticas adotadas pelos governos em exercício, os graus de resistência e conseqüentemente os obstáculos para a realização do Projeto podem ser mais ou menos intensos.

Tudo isso se materializa nos atravessamentos existentes na escola, que atingem diretamente aos professores, e que, dessa forma, poderão se expressar nas respostas obtidas nos questionários.

Nesse sentido, constatou-se que a maioria dos professores participantes da Semana Afro-brasileira (13) conhece bem o evento (figura 40). Não só porque já participaram de outras edições, mas também porque cada edição do mesmo é construída de forma coletiva, inclusive com atividades prévias de sensibilização com os alunos. Não foi possível estabelecer um padrão que justifique o pouco conhecimento do Projeto expresso pela minoria (7) dos professores. Vários fatores podem ser evocados para explicar essas respostas, como a área de formação dos docentes, os turnos nos quais atuam, além de fatores como a desvalorização da profissão e conseqüentemente a desmotivação dos mesmos, e também algumas resistências introjetadas neles ou por parte daqueles atravessamentos, isto é, ações exteriores que são implantadas no território escolar.

Quanto ao envolvimento no projeto (figura 41), metade dos professores (10) declarou que desenvolve atividades, enquanto nove disseram apenas assistir as atividades, e um disse que não teve condições de desenvolvê-las. Essa etapa mostra o engajamento de alguns professores, geralmente aqueles que já acompanham o projeto de outras edições, e aponta para a necessidade de se envolver os outros de forma mais ativa no mesmo, visto que, embora não realizem atividades, estão de alguma forma inseridos, e portanto comprometidos com o

evento, bastando um olhar mais específico para os mesmos de forma a incluí-los nas atividades.

Em relação às sugestões para acrescentar ou mudar algo no projeto (figura 42), a grande maioria dos professores (14) foi favorável a que se tenham mais atividades sobre relações étnicas na escola e na sociedade, o que reforça o comprometimento daqueles que já acompanham o evento, e cinco professores declararam que não há nada a acrescentar ou mudar. Este posicionamento pode refletir inúmeros significados. A resistência em se mudar algo pode ser vista tanto como uma defesa contra o evento, diante dos ataques proferidos diretamente ao mesmo, como também tentativas de silenciamento, pois a luta do negro, não sendo estática, pode se constituir em ameaças, mesmo àqueles que no contexto se apresentam como aliados da causa. Nesse sentido as mudanças são transgressoras. Um professor foi favorável a que se tenham menos atividades sobre relações étnico-raciais, o que pode refletir tanto um incômodo com o evento, ou em relação a uma ou outra atividade específica, como também pode ser alguém que assuma uma posição contrária ao evento, mas que não quis se comprometer claramente, pois não assinalou a opção de que *“este projeto não deveria mais acontecer na escola”*.

Sobre a participação de outras pessoas no evento (figura 43), a grande maioria, dezesseis, foi favorável as participações de *“mais professores, toda a comunidade escolar, e convidados de fora”*. Basicamente trata-se da mesma maioria já comprometida com o Projeto, e que vislumbra melhorias no mesmo através da ampliação participativa. Contudo, três professores declararam que mais ninguém deveria participar, o que pode indicar alguma possível relação com àqueles que foram contrários a mudanças no Projeto. De qualquer forma, é uma postura que prevê um “congelamento” do trabalho. Um professor declarou que deveria haver a participação de mais professores, o que exclui a participação exterior, o que também pode dialogar com essas ações de resistência ao projeto. Ainda assim, ressalta-se que mais uma vez ninguém quis se comprometer com uma posição mais clara contrária ao evento, pois ninguém assinalou a opção *“mais ninguém. Não deveria haver estímulos a envolvimento nesse projeto”*.

15 PREMIAÇÃO

No ano de 2018 o Projeto foi premiado pelo CEDINE (Conselho Estadual dos Direitos do Negro) classificado em primeiro lugar (figura 44). Esse prêmio foi estabelecido através de uma parceria entre o CEDINE e a Secretaria Estadual de Educação (SEEDUC-RJ). Para a participação foi enviado um resumo explicativo do projeto e um vídeo de 6 min que descreve as várias edições do mesmo.

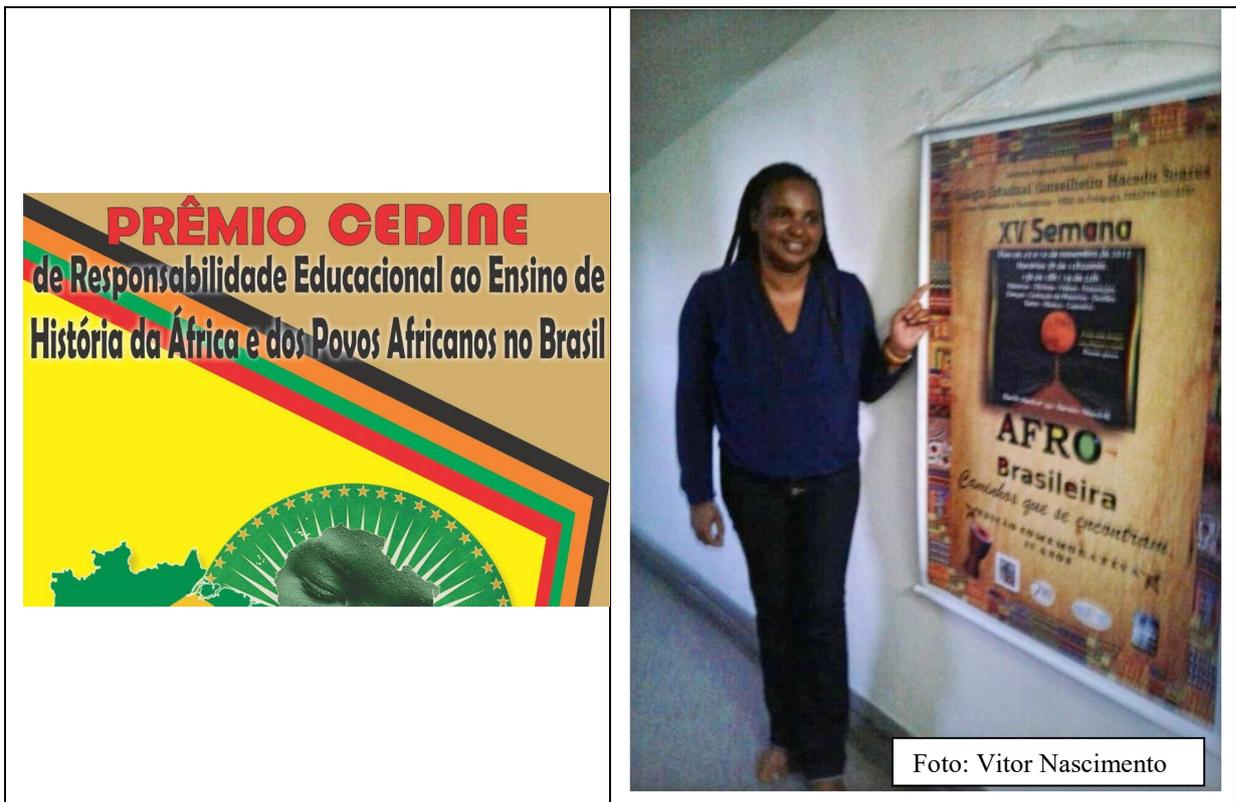


Fig. 44 – Em 2018 a Semana Afro-brasileira foi vencedora do Prêmio CEDINE (Conselho Estadual dos Direitos do Negro) da Secretaria de Estado e Educação (SEEDUC) do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

16 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o Projeto Semana Afro-brasileira tem grande importância ao implantar a temática do racismo e das relações raciais no território escolar, proporcionando através de suas inúmeras atividades, reflexões e construções de conhecimentos acerca das condições de vida dos negros na sociedade brasileira. O fato de o Projeto ir gradativamente abrangendo toda a comunidade escolar causa resistências, mas também colabora de forma afirmativa em vários momentos, expressos durante as atividades e também posteriormente a elas, como um legado que vai sendo obtido. Ao tornar visíveis questões que são normalmente invisibilizadas no espaço escolar, o Projeto possibilita a existência de discussões sobre a própria razão de ser da escola, com o seu papel, e compromissos diante da sociedade com a qual se relaciona. Nesse sentido destaca-se a importância de uma atividade cultural interferir nos pilares de uma instituição educacional, fazendo-a refletir sobre suas próprias práticas, algumas vezes desconectadas das realidades culturais da comunidade escolar e da sociedade. O fato de haver continuidade da atividade que busca reafirmar a temática negra no território escolar, através de produtos culturais diversos, desenvolvidos por alunos, professores e convidados, coloca o Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares não só como um dos pioneiros a tratar daquelas questões, como também um referencial na manutenção de um Projeto há quase duas décadas.

Comparando-se a escola com a questão dos quilombos, constatou-se que inúmeras práticas e estruturas presentes na mesma podem ser consideradas reatualizações das configurações dos quilombos, o que justificou a análise daquelas estruturas no colégio enquanto “aquilombamentos”. Ainda considerando tais estruturas, as dificuldades atualmente apontadas em estudos sobre características e funcionamento dos quilombos, também podem ser relacionadas àquelas que afloram no território escolar. Contudo, ressalta-se que, no caso dos quilombos, principalmente no de Palmares, aquelas dificuldades ocorriam dentro de contextos onde predominavam o respeito às diferenças individuais e coletivas e a possibilidade de construção de sociedades críticas e inclusivas, mesmo diante dos constantes ataques e resistências àquelas estruturas organizadas. Dessa forma o Projeto Semana Afro-brasileira se inspira nesses ideais e espera-se que continue sendo por eles guiados.

17 BIBLIOGRAFIA

AAKER, D.A.; KUMAR, V., LEONE, R.P.; DAY, Y. & GEORGE, S *Marketing Research*. 11th edition. New Jersey: John Wiley & Sons.. 2013. 766 p.

BRASIL. *Lei 9.394. 1996.* Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 21 de dezembro de 2020

BRASIL. *Lei 10.639. 2003.* Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em 12 de dezembro de 2019. Acesso em 21 de dezembro de 2020.

BRASIL. *Lei 11.645. 2008.* Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em 21 de dezembro de 2020.

DIAS, Rosimeri de Oliveira, MELLO, Ana Luiza Gonçalves Dias, SANTOS, NASCIMENTO, Cláudia Regina Martins Magalhães do. *Escrever com tessituras micropolíticas e inventivas de formar professores. In: Conversas transversalizantes entre Psicologia Política, Social-comunitária e Institucional com os campos da Educação, Saúde e Direitos: Ética, Estética e Política*, vol. 7. Lemos, *et. al.* (Orgs.). Curitiba: CRV. 2017. p. 253-279.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la Modernidad*. Miguel Hidalgo: Editorial Grijalbo. Mexico, 1990. 380p.

FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Coleção Perspectivas do homem. Vol. 42. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.1968. 275p.

FANON, Franz. *Peles negras, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA. 2008. 194p.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Graal. 1985. 296p.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. 8ª ed. Trad. Luiz F. B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2015. 254p.

GOMES, Nilma Lino. *Cultura negra e educação*. Revista Brasileira de Educação. Nº 23. P.75-85. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05.pdf> . Acesso em 22/08/2020.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Beatriz Nascimento – Quilombola e Intelectual: possibilidade nos dias da destruição*. 1ª ed. Coletânea organizada e editada pela UCPA (União dos Coletivos Pan-Africanistas): Editora Filhos da África. 1988. 488p.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record. 2000. 176 p.

SODRÉ, Muniz. *A escola deveria incorporar a ecologia dos saberes*. Entrevista realizada por Regiane Silva e Patrícia Gomes. Porvir Inovações em Educação. 03 fev. 2014. Disponível em <https://porvir.org/a-escola-deveria-incorporar-ecologia-dos-saberes/> . Acesso em 08.09.2020.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Coleção Cultura Brasileira, vol. 1. Rio de Janeiro: Codecri. 1983.

SODRÉ, Muniz. *Nós Transatlânticos: o espaço da África no Brasil*. Entrevista concedida. 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8asUpAkFbu4> . Acesso em 22 de julho de 2020.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. *O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento*. In: Castro *et. al.* (orgs.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1995. P. 77-116.